

# NOSSOS AVOENGOS



UMA BREVE HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS  
SANSÍGOLO E BARROS FERRAZ

EPAMINONDAS SANSÍGOLO  
DE BARROS FERRAZ

EDITORA  
NOVA CONSCIÊNCIA

Epaminondas Sansígolo  
de Barros Ferraz

# **NOSSOS AVOENGOS**

**Breve História das Famílias  
Sansígolo e Barros Ferraz**

**Maió 2019**

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	4
PREFÁCIO.....	5
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	6
INTRODUÇÃO	
Os Barros Ferraz	
Descendentes de Pedro Vaz de Barros	
Os nomes de família	
NOSSA HISTÓRIA MAIS RECENTE	
Francisca Emília de Almeida Barros	
Antônia Lydia de Almeida Barros	
Anna Cândida e Epaminondas	
OS SANSIGOLO	
De Vicenza à Piracicaba	
A oficina do Sansígolo	
A aventura italiana	
Nossas lembranças	
A família Sansígolo	
OCTÁVIO DE BARROS FERRAZ	
Novos tempos	
Nossa nova morada	
Yole Sansígolo Ferraz	
AGRADECIMENTOS	
BIBLIOGRAFIA	
ANEXOS.....	

## DEDICATORIA

*Dedico este trabalho ao meu pai que em tão poucos anos transmitiu-me tão sábios ensinamentos, assim como à minha mãe que me ensinou a segui-los*

# PREFÁCIO

*Nossos avós distantes, os avoengos*

**Valdiza Maria Caprânico**

PIRACICABA, COM SEUS MAIS de 250 anos de existência, possui no seu patrimônio cultural uma história de riquezas e minúcias das famílias que a construíram. Este livro, escrito pelo engenheiro agrônomo – que queria ser engenheiro civil – Epaminondas Sansígolo de Barros ferraz, é um belo exercício sobre a preservação destes capítulos ainda escondidos nas memórias daqueles que, com trabalho e dedicação construíram e ainda constroem nossa cidade.

O autor foi uma das figuras chave para a construção, consolidação e desenvolvimento do CENA, Centro de Energia Nuclear na Agricultura, construído em terras da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” e transformado em referência internacional de pesquisa e formação de quadros acadêmicos de excelência.

Mas, entre os guardados de sua família, foi colecionando fotos, ouvindo histórias dos mais antigos – às quais adicionou um pouco das suas também – viajou, pesquisou, manteve contatos com familiares d’além-mar e descobriu-se herdeiro genealógico de colaboradores do Rei D. Manuel de Portugal.

Mas, enquanto chegava até lá, foi alinhavando, como um mestre alfaiate, com linhas seguras e fortes, cada etapa do desenvolvimento e consolidação dos seus: dos Sansígolo, por parte da mãe e dos Barros ferraz, por parte do pai. Sua descrição dos tempos em que o nosso Matadouro Municipal funcionava como um dos mais modernos do país, com suas contradições e particularidades da época: suas lembranças do

pai, diretor do local, que tinha disposição uma charrete e um cavalo para o ofício de encarregado do Matadouro. Que tempos, hein?

Mas à narrativa sempre perspicaz do autor deve-se somar a sua vasta produção científica nesses anos todos que o conduziram por um caminho metodológico seguro e bem feito, como todos poderão encontrar nas linhas que se seguem.

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba sente-se honrado e engrandecido por ter sido procurado para apoiar este projeto, que agora não mais nos pertence, nem ao professor Epaminondas. Ele poderá ser apreciado por todos piracicabanos e, espero sinceramente, que o seu estilo de trabalho e de história de família, possa servir de indicação para futuros livros que possamos produzir nessa área.

A história de Piracicaba lhe agradece pelo empenho e dedicação a este projeto. De nossa parte, cremos que a colaboração oferecida, veio a aperfeiçoar o resultado final. E, mais do que isso, ganhar mais um grande amigo para o nosso Instituto.

\*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*As selvas te deram nas noites seus ritmos bárbaros  
Os negros trouxeram de longe reservas de pranto  
Os brancos falaram de amores em suas canções  
E dessa mistura de vozes nasceu o teu canto.*

EM MEADOS DA DÉCADA de 1940 comecei a descobrir Piracicaba e, inclusive, a mim mesmo. Morávamos até então na zona rural, isolados, sem vizinhos e quando meu pai faleceu viemos para o “centro”, na esquina da “Governador” com a “13”, onde tudo era novidade para mim. Fui matriculado no 2º Ano do curso primário do Grupo Escolar Morais Barros, há duas quadras distante dali, muito embora morasse a apenas 100 metros do Grupo Escolar Dr. Prudente de Moraes, que funcionava onde hoje se encontra o Museu do ilustre ex-presidente da República, isso porque acharam que não era conveniente um menino de família frequentar uma escola popular. Eu, particularmente, teria preferido o “Dr. Prudente”, pois lá as crianças podiam ir descalças às aulas!

Só com o passar dos anos é que eu fui entendendo a razão daquela movimentação que envolveu familiares e pessoas importantes para contornar uma norma oficial que determinava que todo aluno deveria ser matriculado na escola mais próxima de sua residência. É que a nossa cidade, como a maioria daquelas do interior do Estado de São Paulo, sofria ainda com uma estratificação social que dividia a população em classes onde pontuavam os descendentes dos “Barões do Café” (ou Paulistas de quatrocentos anos), os descendentes de escravos e a numerosa colônia italiana e outros grupos menores de imigrantes.

Aqui, cada comunidade tinha seu clube social e/ou beneficente: Societá Italiana Di Mútuco Socorso, a Sociedade Portuguesa de Beneficência, a Sociedade Espanhola, a Beneficiente Sírío Libanesa, a Sociedade Beneficente Treze-de-Maio, o Clube Flor-de-Maio, Clube Coronel Barbosa, o Clube Recreativo Cristóvão Colombo, o Clube

Atlético Piracicabano na Vila Resende etc., e importante, os frequentadores de um nem sempre eram bem-vindos nos outros. Isso sem falar na rivalidade entre os moradores da “cidade” e os da “Vila” (Rezende), ou seja, os do lado de cá e os de além-rio, separados pelo rio, mas ligados por uma única ponte. Havia, porém, uma unanimidade: a torcida pelo XV, que era bem mais “democrática”, mas isso só depois de 1947 quando passou a disputar os campeonatos profissionais. Pois era nas arquibancadas do antigo estádio da rua Regente Feijó que todos se igualavam: brancos, negros, amarelos ou pardos; brasileiros e estrangeiros; ricos e pobres; jovens e velhos. Todos irmanados gritando uníssonos “quinze, quinze!” e vibrando em cada lance da partida ou quando o trem da Sorocabana, lá atrás, passava apitando na curva da chácara do Pedro Rico.

Mas havia uma exceção e essa acontecia nos jogos contra o Palmeiras da capital e era quando a numerosa colônia dos descendentes italianos, da cidade e da região, comparecia em massa e as brigas eram inevitáveis, deixando claro que o motivo não era só o esportivo, era racismo mesmo! Então pensava comigo: num jogo entre XV e Palmeiras eu devo torcer pelo meu lado italiano de minha mãe ou pelo lado “brasileiro” de meu pai? Isso não fazia sentido para mim, pois na verdade, eu era quinzista roxo. Eu adorava as histórias da Itália contadas pelos tios e tias Sansigolo bem como aquelas narradas com muito orgulho pelas irmãs de meu pai. Porém, com a diferença de que a saga dos Barros Ferraz estava toda documentada nos livros de Broterinho, dois dos quais sempre tivemos em casa.

A rua Governador Pedro de Toledo, “a Governador” para os piracicabanos, sempre foi a via principal da cidade, embora por vezes, tenha mudado de nome oficialmente. Segundo os registros de nascimento, minha mãe nasceu a rua do Comércio, minha irmã nasceu na rua João Pessoa e eu nasci na rua Governador Pedro de Toledo. Mas a rua é a mesma.



Nos anos 1940, quando tomei conhecimento das coisas e já perambulava pelos arredores, essa rua começava na beira do ribeirão Itapeva, que agora corre coberto sob o asfalto da avenida Armando Sales de Oliveira, tornando-se o corredor principal da cidade abrigo não só o comércio maior como também a residência de pessoas importantes. Passando pela rua Morais Barros (antiga rua Direita) o outro eixo mor do arruamento primitivo, alcança o Mercado Municipal e prossegue até os “altos da Paulista”, onde sobressaíam os sobrados elegantes dos mais abonados.

Em suas primeiras quadras e nas transversais perto de onde morávamos, conviviam fraternalmente os Metidiere, Sbrissa, Pivatelli, Simeonato, Sacconi, Romano, Romani, Bachi, Petrocelli, Corazza, Moreti, Pasqualetto, Accorsi, Losso, Ferrari, Breglia, Cazzale, bem como os Cullen, Gonçalves, Sanches, Alvarez, Krahenbuhl, Labate, Lacorte, Bischoff, Krasilchic, Bric, Audi, Jorge, Kraide, etc., e também alguns “brasileiros” como os Barros Ferraz, Pinto Cesar, Rodrigues de Almeida, Arruda Pinto, Ferraz do Amaral. E tudo isso, no auge da II guerra mundial com a Europa destruída e os europeus divididos.

Muitos anos depois quando fui solicitado a escrever algumas notas sobre membros da família de meu pai e tive que recorrer à bibliografia genealógica, descobri que eu era um exemplo real de “brasileiro”. Sim, porque na minha árvore, além dos dois troncos europeus, bem lá em cima, tem também um galho indígena. O que é muito normal pois quando os primeiros navegadores europeus aportaram na América esta terra já tinha dono, era habitada por nativos de várias etnias e só depois, com o passar dos anos, foram chegando os africanos, asiáticos, celtas, eslavos, árabes, nórdicos e tantos outros que fizeram deste Brasil um verdadeiro “caldeirão” de etnias.

Pois foi, como já disse Alcyr Pires Vermelho no samba-exaltação *Canta Brasil* (1941), ... *nessa mistura de vozes nasceu o meu canto!*

## INTRODUÇÃO

DE REPENTE percebemos que estávamos ficando sós: o tempo implacável havia levado quase todos os entes queridos. Dos nossos avós, tios, tias e muitos primos, restavam apenas uma doce lembrança, algumas fotografias, documentos e recortes amarelados. Só então demos conta de que a história da família, as belas histórias das nossas famílias estavam se perdendo. Como os nossos descendentes poderão conhecer suas origens? Porque privá-los da honra de se orgulharem de seus antepassados?

Era preciso fazer alguma coisa, por mínima que fosse, pois, simplesmente guardar o acervo e a memória oral da nossa geração não seria suficiente e nem honesto, pois além de ser uma história familiar ela também é parte da história do nosso país. Se de um lado a família de meu pai teve participação ativa desde a época do descobrimento do Brasil, sua colonização e a proclamação da República, a família de minha mãe, assim como milhares de outras famílias de imigrantes europeus, teve participação fundamental no nosso progresso e na consolidação econômica a partir do período crítico do final do século XIX e começo do XX.

Desde muito pequeno em minha casa e nas casas de minhas tias, irmãs de papai, aprendemos que os livros de Broterinho - pois assim era tratado familiarmente o primo advogado, historiador e genealogista Frederico de Barros Brotero, eram delícias para serem sorvidas com orgulho e guardá-las como relíquias (1 e 2). Ali tínhamos o roteiro de como amar e se orgulhar da família, como nos era ensinado na prática de todos os dias e sempre lembrados pelo primo Silvio (Ferraz Gomes da Silva, filho de tia Minica) orgulhoso defensor das nossas origens, então residindo em Piracicaba. Em 2001, minha irmã Virgínia tomou a iniciativa de organizar o belo álbum *Ferraz – Um breve relato sobre a família* (11) com fotografias e documentos dos nossos parentes paternos com o intuito de complementar o trabalho de Broterinho e facilitar a leitura dos nossos filhos e netos.

Ao mesmo tempo, aproximava-se a data do centésimo aniversário de nascimento de nossa mãe e pensávamos numa maneira de homenageá-la. Decidimos que, para aquela data convidaríamos familiares e amigos para uma missa na catedral de Piracicaba quando distribuiríamos um folheto contendo os dados biográficos da homenageada. Mas para tanto, precisaríamos levantar os dados da família Sansígolo. Começamos a recolher o material, mexer nos baús, completar e corrigir alguns nomes e datas, colher informações com os mais velhos, levantar dados históricos relacionados para sanar possíveis falhas de memória e checar datas em cartórios.

Nesse aspecto, foi de enorme valia a busca que minha irmã fez no Cemitério da Saudade, em Piracicaba, onde estão enterrados quase todos os personagens centrais da família Sansígolo. A mim, coube a incumbência de estudar um pouco de história e geografia da Itália e do Brasil, para poder entender os fatos e os personagens em seu espaço e no seu devido tempo, para tentar narrar a história da família materna.

Contando com a ajuda de Miguel Ângelo, filho do primo Miguel Lino Sansígolo, que se prontificou a recolher informações sobre os Sansígos e suas origens, reuni o que foi possível no folheto “*Sansígolo - De Vicenza a Piracicaba*” (9) cujos exemplares foram distribuídos aos convidados que compareceram à missa comemorativa na Catedral de Santo Antônio, em Piracicaba no dia 7 de abril de 2001.

Os anos foram-se passando, novas informações chegando, decidi abrir duas pastas para guardar o farto material: uma “Barros Ferraz” e outra “Sansígolo”. Vez por outra, manuseava aquelas páginas amareladas, digitalizava algumas fotografias velhas e fazia buscas na internet para compor algum texto quando me era solicitado (8, 10). Aos poucos fui alimentando a ideia de que aquele material até então produzido poderia ser melhorado, agrupado, e um dia, talvez, ser publicado.

Esse meu interesse foi ganhando forças quando, por imposição de minhas atividades acadêmicas como professor da Universidade de São Paulo, tive oportunidade de conhecer melhor o Brasil, viajar por outros países, interagir com outros povos, com suas culturas e tradições. Na

década de 1980, tendo estado por alguns períodos prolongados na região da Andaluzia, Espanha, pude lá constatar interessantes similaridades com os nossos usos e costumes nos pequenos povoados de Huelva, em Palos e Cadiz. No Archivo General de Índias em Sevilha vi os mapas pré-colombianos dos franciscanos do Mosteiro de La Rábida e andando por essa cidade histórica, nas margens do rio Guadalquivir vi, preservadas as marcas de onde se abasteciam de víveres e água potável as caravelas que dali saiam para as grandes descobertas.

Em 1994, devendo cumprir uma missão acadêmica no laboratório da Agencia Internacional de Energia Atômica, em Trieste, Itália, aproveitei alguns dias para conhecer o nordeste da península, a região do Veneto, e em especial, Vicenza, Verona e Padova, lugar de origem dos meus parentes Lovisetto-Sansigolo, famílias de minha mãe. Fiquei surpreso de ver como me identificava com aquele local e como aquelas pessoas nunca vistas se pareciam com os nossos familiares maternos. Lembrando-me de meus tios e tias, cheguei até a arriscar algumas palavras e frases no dialeto do Vêneto que, por sinal, foram muito bem recebidas por aquelas pessoas tão cordiais. Senti uma emoção incontida, indescritível.

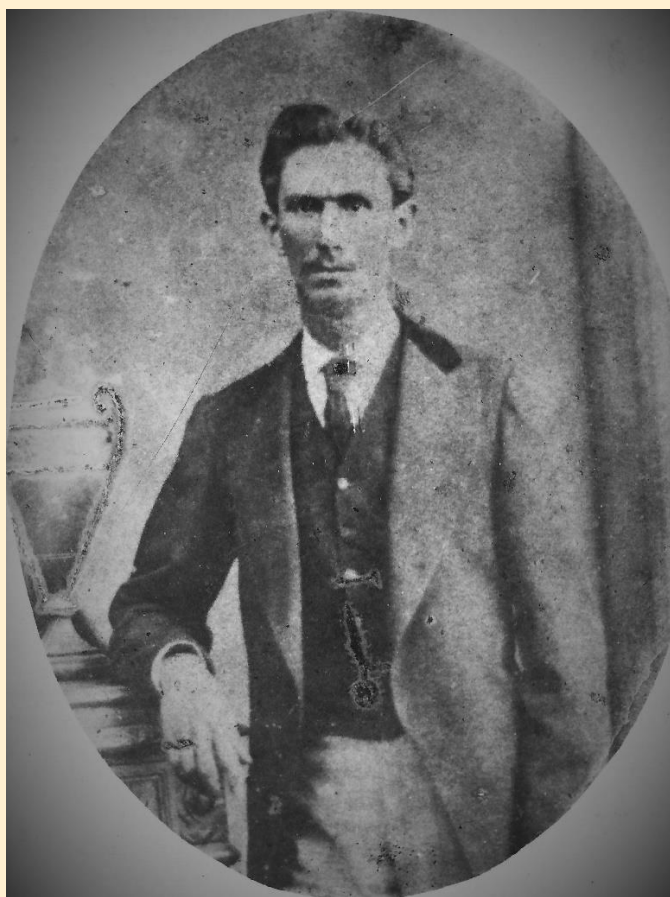
Em 2001 mais uma vez o destino me deu outra grande ajuda ao levar-me para o lugar certo, pois eis que de repente, me vi participando de um congresso científico na cidade de Faro, no Algarve, sul de Portugal, cidade natal de Pedro Vaz de Barros, meu remoto antepassado pelo lado paterno. O interessante é que a milenar cidade de Faro, fundada no século VIII a.C. e que se tornou importante entreposto comercial português na época dos descobrimentos, dista apenas uns 100 quilômetros do Mosteiro de La Rábida, na Espanha. E o que tem isso de interessante? É que tanto os navegantes portugueses, Cabral, Fernão de Magalhães, etc., como aqueles a serviço do reino de Castela (Espanha), Colombo, Vespúcio e outros nutriram, ao mesmo tempo, dos mesmos conhecimentos guardados pelos franciscanos de La Rábida! Além disso, abastecerem suas esquadras com os mesmos fornecedores cristãos e judeus de Faro e Sevilha e as tripulações, tanto de um lado como de outro, foram completadas com

homens recrutados naquela pequena região, pois o povo era um só e a fronteira, na prática, não existia.

Agora, sinto um fio de arrependimento correr pelo corpo por ter deixado passar tanto tempo sem me interessar por tão belas histórias e só então ter decidido escrever algumas linhas para homenagear nossos avoengos e apresenta-los aos meus filhos e netos.

\*

## OS BARROS FERRAZ



*Nosso bisavô Antônio Fernando de Almeida Barros*

SÉCULO XV, A EUROPA mediterrânea estava multidivida em reinos, condados, ducados, principados, cidade-estados e era muito dependente do comércio exterior e por isso se destacavam os portos como Trieste, Veneza, Genova e Nápoles na península itálica e Sevilha (no Guadalquivir), Faro, Lisboa e Porto, na península ibérica.

Final do século XV, começa na península itálica o movimento renascentista nas letras, nas artes de Miquelangelo e Leonardo da Vinci, a criação da moderna ciência por Galileu Galilei ao introduzir o método de Francis Bacon e na península Ibérica os reis católicos Fernando II de Aragão e Isabel de Castela expulsam os muçulmanos depois de um domínio que durou 700 anos, iniciam o processo de unificação da Espanha, contratam e financiam Cristóvão Colombo para descobrir o caminho das Índias e promovem a “santa” Inquisição. Era o final de um período que viria a ser conhecido como idade Média ou idade das trevas em que a Europa começou a se expandir geográfica e intelectualmente.

Em 1496 os judeus europeus que haviam se refugiado ali, no extremo sudoeste do continente, tiveram sua derradeira oportunidade de se livrar da perseguição dos Tribunais do Santo Ofício quando D. Manuel, rei de Portugal, decretou a expulsão de todos do país com exceção daqueles que se convertessem ao cristianismo. Surgiram então os “cristãos-novos”, como ficaram conhecidos esses convertidos que, para apagarem o passado, mudaram seus nomes de origem adotando nomes “cristãos”, geralmente, tirados de elementos da natureza e de suas profissões. Foi assim que surgiram os Pêra, Pereira, Oliva, Oliveira, Figo, Figueira, Coelho, Carneiro, Cordeiro, Pedreira, Pedroso, Barros, Barreto, Barroso, Ferro, Ferreira, Ferraz e algumas centenas de sobrenomes de família que encontramos nos dias atuais, principalmente no Brasil.

O cristão-novo, o judeu converso, porém, contraía uma dívida muito grande com a coroa portuguesa e com a Igreja e uma das maneiras de resgatá-la era se engajar nas missões colonizadoras oficiais e as evangelizadoras da Companhia de Jesus, que se empenhava em catequizar os gentios das terras de além-mar, recém conquistadas com os grandes descobrimentos. Faro, cidade do Algarve português, fundada no século

VIII a.C., era a cidade portuária de maior importância, tanto comercial como estratégica e, nessa época, concentrava considerável colônia semita, possuidora de grandes riquezas.

No Brasil recém descoberto, em 1549 Tomé de Souza é nomeado Governador-Geral após o fracasso da colonização portuguesa pelo sistema de capitanias hereditárias, entretanto, em 1580 Portugal perde sua autonomia com a chamada União Ibérica que o prenderia à Espanha até 1640. Uma vez liberto, Portugal se lança em decisiva investida para colonizar o Brasil, já que, além das riquezas naturais, via ali a oportunidade de auferir grandes lucros com a produção de açúcar a partir da cana-de-açúcar que aqui se aclimatara muito bem.

Inicia-se o ciclo das Entradas e Bandeiras visando tomar posse do território brasileiro e de ampliar seus limites, mas para tanto a chefia dessas expedições teria que ser confiada a pessoas creditadas pela coroa.

As Entradas eram expedições oficiais do governo português que saíam de vários pontos do litoral brasileiro em rumo oeste com o intuito de reconhecer e mapear o nosso interior. Elas foram sucedidas pelas Bandeiras, expedições bem maiores, organizadas e financiadas por particulares que partiam de São Paulo em busca de ouro, prata e pedras preciosas e do alargamento de nossas fronteiras. Foi isso que viria atrair os judeus-conversos.

A maioria desses bandeirantes famosos *eram cristãos-novos, judeus conversos, e dentre eles*, estava o nosso antepassado Pedro Vaz de Barros, conforme constatou a *historiadora Anita Novinsky (3), pesquisadora da USP, que assim relata: Os famosos bandeirantes Antônio Raposo Tavares e Pedro Vaz de Barros, ambos conversos, e outros destruíram inúmeras reduções de Guaíra, Vila Rica, Vila Real, Xerez, e aprisionaram os índios expulsando os jesuítas do Paraná. Apossaram-se da terra, que foi incorporada ao Brasil, estendendo-se a conquista até a região do Itati, chefiada por André Fernandes, também converso. Foi conquistada a região do Tape e do Uruguai onde os paulistas se apoderaram de todas as reduções.*



Torna-se necessário, entretanto, ressaltar a importância dos nossos antepassados na expansão do território brasileiro e para tanto, basta lembrar que nessa época, o limite do domínio português era ditado pelo Tratado de Tordesilhas, um meridiano, uma linha imaginária na direção norte-sul dividindo a América em duas partes, cabendo a primeira a Portugal e outra ao reino de Castela, Espanha. Mas na prática, nem aqui nem lá, ninguém sabia ao certo por onde passava. Só para exemplificar, aqui na região do médio rio Tiete (SP) antiga rota dos bandeirantes, um pouco mais a oeste da confluência dos rios Tiete e Piracicaba, depois de Barra Bonita, Jaú ou Pederneiras, terras que eram habitadas pelos índios Botocudos, já seriam terras da Espanha.

Quando me dispus a escrever estas notas, eu decidi que, forçosamente, teria que tomar por base os livros do primo Broterinho, o que parecia ser muito fácil, que este capítulo seria quase uma cópia. E então, a grande surpresa, pois aquilo que eu considerava como tido e sabido, mostrou-se mais rico ainda, uma notável fonte de informações que só agora, com a ajuda da internet, pode ser plenamente aproveitada. E eu, que em princípio pensava em desprender apenas um pouco do meu tempo para escrever um breve resumo, de repente, me vi diante de um oceano de informações engrandecedoras sobre nossa ascendência. Curioso, fui pesquisando em obras de consagrados genealogistas e, voltando no tempo, me dei conta que estava junto ao rei de Portugal na época do descobrimento. Parei por aí. Achei que já tinha o suficiente para o meu propósito.

Tomando como base o livro “*Descendentes do Tenente Fernando Paes de Barros*” (2) comecei por checar nomes, datas e complementar dados em outras fontes confiáveis (1, 5, 6, 7 e 8) e em buscas pela internet, podendo assim corrigir e acrescentar mais algumas informações sobre as gerações remotas.

Para escrever sobre as gerações recentes contei com a memória e a boa vontade de minha irmã Virgínia e do primo Silvio Ferraz Gomes, de acervos familiares, buscas em cartórios e no Cemitério da Saudade em Piracicaba.

## DESCENDENTES DE PEDRO VAZ DE BARROS

Em Lisboa, Portugal, meados do século XVI, viviam Jerônimo Pedroso (1545 - ?), sua esposa Joanna Vaz de Barros (~1555-1591) e seus três filhos: a primogênita Bernarda Pedroso, nascida em 1568, que se casaria com Fernão Mendes; o segundo foi Antônio Pedroso de Barros, nascido em 1569, que se casaria com Isabel Leitão; a terceira foi Lucrecia Pedroso. Por volta de 1573 Jerônimo foi designado pela corte portuguesa para assumir o posto de Rendeiro do Almojarifado em Faro, no Algarve, para onde se mudou com a família. Em 1580, ali nasceu seu quarto filho **Pedro Vaz de Barros**. As irmãs Bernarda e Lucrecia foram condenadas pelo Tribunal do Santo Ofício acusadas de "práticas judaicas apesar de serem cristãs-novas", foram presas em Évora e ali vieram a falecer, respectivamente, em 6 de outubro de 1591 e em 9 de março de 1591. Quanto a Jerônimo há registros de que tendo ficado viúvo fora morar no Peru onde tornou-se clérigo, ali vindo a falecer em 1583 (7).

*Nota: A partir daqui a linha de descendência segue grafada em negrito*

**Pedro Vaz de Barros** (1580 - 1644) - No final do século XVI, em meio ao grande afluxo de colonizadores portugueses que aqui aportaram, estavam os irmãos Pedro Vaz de Barros e Antônio Pedroso de Barros, cristãos-novos, abastados comerciantes que gozavam de bom trânsito na nobreza portuguesa. Pedro veio ao Brasil em 1603 a serviço da coroa, nomeado Capitão-mor Governador da capitania de São Vicente e São Paulo. Como bandeirante conquistou o Paraná chegando até Sete Quedas/Guaíra (atual lago da hidroelétrica de Itaipu). Dois anos depois, retornou a Portugal. De volta ao Brasil, Pedro Vaz de Barros se casou em 1608 com Luzia Leme, filha do lendário bandeirante Fernão Dias Paes Leme, tendo deixado sete filhos homens e uma filha. Seus filhos homens vieram se tornar destemidos bandeirantes. São eles:

1. Valentim de Barros ( ? - 1716) que, sob o comando de Raposo Tavares, ajudou a expulsar os holandeses, lutando na Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte;
2. **Antônio Pedroso de Barros** ( ? - 1652) (com o mesmo nome do tio; sua descendência segue abaixo).
3. Luiz Pedroso de Barros (1608-1662, Peru) participou da “guerra dos Emboabas” e para obter as boas graças do governo português se propôs a abrir um picadão (estrada) ligando o povoado, onde anos depois seria fundada a cidade de Piracicaba, até Cuiabá, em Mato Grosso, em busca das minas de ouro (4). Depois de estar no nordeste brasileiro, atravessou os Andes e lutou na disputa com os espanhóis pelas minas de prata e ouro de Potosí, vindo a falecer em batalha com os espanhóis em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia;
4. Pedro Vaz de Barros (? - 1676), apelidado de Guassú pela sua opulência e para diferenciar do pai homônimo, nunca se casou, mas fez questão de registrar como seus, os nove filhos bastardos. Fundou a cidade de São Roque, SP, para servir de posto avançado para as Bandeiras. Posteriormente, teria sido governador da Bahia;
5. Fernão Paes de Barros (? -1649), que ficou conhecido pela quantidade de ouro que conquistou e mandou para a coroa portuguesa;
6. Sebastião Paes de Barros (1630-1674), que levou sua Bandeira até o rio Tocantins, alcançando Piauí, Maranhão e Pará, tendo regressado a São Paulo onde faleceu em 1674;
7. Jerônimo Pedroso de Barros, diz a história, que teria recebido honrosíssimas cartas da coroa pelos serviços prestados; e
8. Lucrecia Pedroso de Barros.

**Antônio Pedroso de Barros** (? - 1652), segundo filho do patriarca Pedro Vaz de Barros casou-se em 1639 com Maria Pires de Medeiros, neta por parte de pai, de Méssia Fernandes (ou Méssia Ussú, ou Assú) mestiça da tribo dos Guaianases. Na cidade de São Vicente, SP, existe uma rua central com o nome “Messia Assú”. O casal teve quatro filhos: Pedro, Antônio, Ignez e Luiza, sendo o primogênito batizado Pedro Vaz de Barros, ou seja, o mesmo nome do avô e do tio (7). Em seu testamento, Antônio Pedroso de Barros, entre outras disposições, disse: *deixo a meus herdeiros que perdoem aos meus matadores, porque foram os meus pecados.*

**Pedro Vaz de Barros** (1646-1695), (neto do patriarca e sobrinho de Guassú), tinha apenas seis anos quando seu pai Antônio Pedroso de Barros morreu numa revolta dos índios em uma de suas fazendas na paragem denominada de Apoterebu, herdando grande fortuna. Casou-se com Maria Leite de Mesquita e tiveram dezesseis filhos sendo **Beatriz de Barros** a primeira deles.

**Beatriz de Barros** (1670-1745) - casou-se com Manuel Correa Penteado, português muito rico, possuidor de minas de ouro em Minas Gerais e fazendas de lavoura e criação. Tiveram sete filhos sendo **Fernão Paes de Barros**, o segundo deles.

**Fernão Paes de Barros** (? -1755) - segundo filho do casal, veio a se tornar o Capitão Fernão Paes de Barros figura de grande importância no desenvolvimento das vilas e cidades do médio Tietê como Araritaguaba (atual Porto Feliz, SP) de onde partiam as bandeiras. Hoje ali existe o Museu das Monções onde se acham preservadas as relíquias dos bandeirantes. Em 1731 Fernão Paes de Barros casou-se com Ângela Ribeiro Leite e tiveram dez filhos sendo **José de Barros Penteado** o primogênito.

**José de Barros Penteado** (1715-1769) - viria a se tornar conhecido como Capitão José de Barros Penteado, possuidor de minas de

ouro em Cuiabá, MT e de muitas terras na região de Itu, SP. Casou-se com Maria Dias Leite e tiveram seis filhos, dentre eles **Fernando Paes de Barros**.

**Fernando Paes de Barros** (1783–1851) - primeiro filho do capitão José de Barros Penteadado e Maria Dias Leite, foi Tenente-Ouvidor, cavaleiro da ordem do Cristo e proprietário de grandes fazendas em Itu e Capivari. Casou-se em 24 de novembro de 1807, em Itu, com sua parente Maria Jorge de Almeida Barros, filha de Alexandre Luiz de Almeida Pedroso e de Anna Jorge de Barros. O casal se transferiu para as terras mais produtivas de Capivari, então zona de mata virgem, onde tiveram onze filhos, e dentre estes, **Maria Joaquina de Almeida Barros**, a primogênita e **José Fernando de Almeida Barros**, o segundo filho.

Consta que, quando Dom Pedro II visitou Itu em sua primeira viagem a São Paulo, hospedando-se em seu palacete e nessa ocasião, em reconhecimento, o Imperador manifestou seu desejo em conceder-lhe um título nobiliárquico, do qual Fernando Paes de Barros gentilmente agradeceu recusando e concluindo com as seguintes palavras: *“Não sou nobiliarquista. Se amo conhecer o passado, é para edificar-me com os nobres exemplos das gerações pretéritas e fazer que neles se inspirem os contemporâneos. Sigo o conselho do grande pregador: Quem sois, não vades revolver o nobiliário de vossos avós; ide ver a matrícula de vossas ações. O que fazeis, isso sois e nada mais. A verdadeira fidalguia não é qualidade nem sangue, é ação. As ações generosas e não os pais ilustres são o que fazem fidalgos”*.

**Maria Joaquina de Almeida Barros** - a primogênita, nasceu em Itu e foi batizada em 23 de março de 1809. Casou em 1 de julho de 1823 com Pedro Domingues Paes Leme, segundo filho de Antônio de Almeida Leme e de Tereza Antônia de Góes Pacheco e se fixaram em Piracicaba em fazenda de café no bairro Serra Negra. Pedro faleceu em 1855, vítima de “cruel enfermidade” e Maria Joaquina, “de espírito enérgico, firme e resoluto”, assumiu a direção da fazenda que ficou conhecida como “sítio

de Maria de Almeida” e a administrou “com admirável descortino” por 30 anos, vindo a falecer em Piracicaba aos 13 de outubro de 1886. O casal teve 12 filhos, dentre estes, **Francisca Emília de Almeida Barros** (6ª filha) e **Antônia Lydia de Almeida Barros** (10ª filha).

**José Fernando de Almeida Barros** (8) (1811-1884) - segundo filho de Fernando Paes de Barros e Maria Dias Leite, nasceu em 19 de março de 1811 e casou-se em 7 de janeiro de 1832 com Anna Cândida Correa Pacheco nascida em 28 de abril de 1816, filha de Antônio Correa Pacheco e Maria Xavier de Campos. Cidadão respeitabilíssimo, era também conhecido como Juca Fernando sendo que em Piracicaba existe uma “rua Juca Fernando”, sita entre a Av. Centenário e a rua Dona Eugenia. Foi fazendeiro em Itu, Capivari e Piracicaba, chefe político e um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Faleceu em 24 de setembro de 1884. O casal teve 7 filhos e dentre estes, **Antônio Fernando de Almeida Barros**, 3º filho, nascido em 10 de março de 1841.

**Antônio Fernando de Almeida Barros** (1841-1878) (6) – filho de José Fernando de Almeida Barros e Ana Cândida Correa Pacheco, casou-se com sua prima Antônia Lydia de Almeida Barros, que serão citados adiante.

*Nota: Até este ponto a narrativa foi baseada nas obras de F.B.Brotero (1 e 2)*

## OS NOMES DE FAMÍLIA

Convém aqui abrir um espaço para lembrar que nas famílias portuguesas de então, era comum a repetição de nomes próprios entre parentes, o que poderá causar confusão na leitura destes relatos. Por exemplo, é comum encontrar-se pai, filho e até neto com o mesmo nome, sem qualquer diferenciação, como é o caso de Pedro Vaz de Barros, o

patriarca, Pedro Vaz de Barros, seu filho, apelidado Guassú e Pedro Vaz de Barros, neto do primeiro e sobrinho do segundo, que as vezes é referido como “o Moço” em algumas obras. Isso ocorre também com os Antônio Pedroso de Barros e outros.

Outro fator complicador para o leitor desavisado é no “nome de família”, pois os antigos, seguindo o costume ibérico, usavam o sobrenome da mãe em último lugar em vez do sobrenome do pai, como se faz atualmente. Mais que isso, também era comum de se dar ao recém-nascido o sobrenome de alguém que se queria homenagear ou o do padrinho de batismo. Disso resultaram irmãos com sobrenomes diferentes ou então a propagação do sobrenome materno em vez do sobrenome paterno.

É exemplar o caso de Beatriz de Barros que se casou com Manuel Correa Penteado sendo que seus sete filhos foram batizados com sobrenomes diferentes e apenas o primeiro e a última preservando o Penteado do pai: Pe. José de Barros Penteado, Fernão Paes de Barros, Manoel Corrêa de Barros, Anna Pires de Barros, Maria Leite da Escada, Maria Dias de Barros e Luzia Leme Penteado. Por outro lado, o Penteado que não aparece em Fernão, reaparece em seu filho José e desaparece de vez em seu neto Fernando (5).

Isso se repete com sua tataraneta Maria Joaquina de Almeida Barros que se casou com Pedro Domingues Paes Leme, mas seus doze filhos receberam o sobrenome Almeida Barros em vez do Paes Leme do pai. E ainda, sua filha Antônia Lydia que se casou com seu primo Antônio Fernando e deram sequência aos Almeida Barros.

Também é interessante lembrar que a irmã de Fernão Paes de Barros, Maria Dias de Barros, se casou com Francisco Gonçalves de Oliveira que viriam se tornar trisavós de Prudente José de Moraes Barros (8), primeiro Presidente civil do Brasil, e mais uma vez, prevaleceu o Barros. Aliás, desde pequenos percebemos essa preocupação, por certo

preservada por “vovó” Antônia Lydia e sempre lembrada por nossas tias que diziam: *Nós somos muito mais Barros...*

O prenome Fernando é praticamente uma constante em todos os ramos da família e, não muito raro, repetido até entre irmãos. Isso talvez seja porque, a partir do final do século XV, tornou-se comum entre os iberos uma forma de homenagear o rei Fernando de Aragão que, juntamente com a rainha Isabel de Castela, os chamados “reis católicos”, promoveram a unificação da Espanha, financiaram as viagens de Colombo e expulsaram os muçulmanos da península ibérica, depois de um domínio de mais de 700 anos.

Ainda sobre esse tema, é conveniente alertar que em certas obras consultadas para a realização deste trabalho, encontrei alguns nomes de parentes meus grafados equivocadamente e/ou incompletos, certamente por falta de maiores informações, pois foram redigidas há muitos anos. Hoje em dia, com as facilidades que dispomos, foi possível levantar os nomes corretos nas certidões de nascimento, casamento ou óbito da maioria deles.

\*



## NOSSA HISTÓRIA MAIS RECENTE



*Dona Antônia Lydia de Almeida Barros com filhos e netos. Da esquerda para a direita: Maria Cândida, Ana Cândida (com sua primogênita Clarisse), José Augusto, Elvira (sentada no chão), A.Lydia (tia Yaya) recostada em sua avó, a matriarca. (1884)*

Aqui começa a nossa história mais recente, ou seja, dos parentes que tivemos oportunidade de conhecer e/ou conviver e de outros mais próximos que, embora já tivessem partido, continuavam vivos na memória da família. São lembranças (e documentos) de nossas bisavós, as irmãs Francisca Emília e Antônia Lydia, dos nossos avós Epaminondas e Ana Cândida e dos tios-avôs.

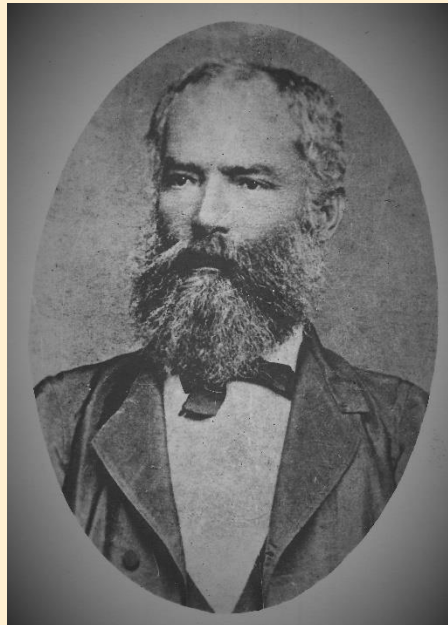
## FRANCISCA EMILIA DE ALMEIDA BARROS

Francisca Emília de Almeida Barros, 6ª filha do Alferes Pedro Domingues Paes Leme e de Maria Joaquina de Almeida Barros nasceu em Piracicaba a 2 de junho de 1836 e faleceu a 22 de junho de 1914. Casou-se com Joaquim Ferraz do Amaral, nascido em 13 de fevereiro de 1830, filho de Manuel Ferraz do Amaral (1802- ?) e de Francisca Eufrosina Correa de Moraes e tiveram 12 filhos:

- Cornélio Ferraz do Amaral (1851 - 1899) - casou-se com Francisca Martins de Paula e tiveram 7 filhos;
- **Epaminondas Ferraz do Amaral** (6/5/1853 - 1903?) - casou-se com **Ana Cândida de Almeida Barros** (25/1/1864).
- Vitaliano Ferraz do Amaral (1854-1917) (8) - casou-se com Antônia Cândida de Camargo e tiveram 7 filhos;
- Maria Joaquina Ferraz do Amaral (1857-1932) - casou-se com seu tio Francisco Augusto de Almeida Barros e tiveram 1 filha;
- Joaquim Ferraz do Amaral Filho (1860-1933) - casou-se com Maria Flora de Arruda Ferraz e tiveram 10 filhos;
- Pedro Ferraz do Amaral (1862- ?) - casou-se com sua prima Maria Cândida de Almeida Barros e tiveram 4 filhos, a saber, Breno Ferraz do Amaral (5, 8), Pedro Ferraz do

Amaral Filho (Pedrito) (5, 8), Zalina Ferraz do Amaral e Ophelia Ferraz do Amaral;

- Bento Ferraz do Amaral (1864 - ?) - falecido na juventude;
- Olívia Ferraz do Amaral (1866- ?) - casou-se com José Asterio Tourinho e não deixou descendentes;
- José Egídio Ferraz do Amaral (1868-1899) - falecido solteiro;
- Coriolano Ferraz do Amaral (1870-1949) (8) - casou-se com Francisca Morato de Almeida e tiveram 9 filhos. E, em segundas núpcias, com Ana de Almeida Morato;
- Mário Ferraz do Amaral (1872- ?) - casou-se com Belmira Ferraz, e não deixaram descendentes;
- Otília Ferraz do Amaral (1875-1955) - casou-se com Joao Batista de Campos Tourinho e tiveram 4 filhos.



*Joaquim Ferraz do Amaral*

Vovó Chiquinha, como ela era tratada em família, era simples e carinhosa e deixou poucas referências, talvez ofuscada pela sua irmã mais nova Antônia Lydia, mulher ativa e dominadora.



Nossas tias gostavam de contar histórias de sua fazenda e do casarão, sempre cheio de gente. Segundo nos foi contado, quando suas finanças ruíram e teve que desocupar o casarão, separou apenas aquelas coisas que considerou úteis e valiosas deixando pendurado na sala grande um velho relógio de parede da marca Junghans, dado como imprestável. Porém, meu pai, seu neto, recolheu-o e cuidou dele morrer. Pois essa lembrança valiosíssima herdei e a conservo até quando puder e então,

será transferido para ao meu filho Fernando. Curiosamente esse mecanismo tão velho e desgastado que há mais de um século teria sido jogado fora, continua trabalhando até hoje marcando nossas vidas.

## ANTONIA LYDIA DE ALMEIDA BARROS

A 10ª filha do Alferes Pedro Domingues Paes Leme e de Maria Joaquina de Almeida Barros, nasceu em Piracicaba a 3 de março de 1844 e casou-se com seu primo Antônio Fernando de Almeida Barros (1841-1878), filho de José Fernando de Almeida Barros (1811-1884) e de Ana Cândida Correa Pacheco (5) e tiveram seis filhos: Ana Cândida, Maria Cândida, José Augusto, Fernando Antônio, Elvira e Antônia Lydia (“tia Yayá”, para nós da família) de Almeida Barros. Ambos de famílias

abastadas e possuidores de várias fazendas em Piracicaba, Capivari, Itu e Barra Bonita, fixaram residência na fazenda de Piracicaba que abrangia os atuais bairros Campestre, Pau Queimado e Serrote. Antônio Fernando faleceu com apenas 46 anos numa tocaia de escravos deixando a viúva Antônia Lydia e seus 6 filhos ainda pequenos. Dona Antônia Lydia assumiu a incumbência de administrar as terras e educar os filhos.

Essas terras destinavam-se, quase a totalidade ao cultivo do café, mas plantavam-se também milho e algodão e criavam-se aves, suínos e gado de corte e de leite para a produção de manteiga e queijo. A fazenda do Campestre produzia quase tudo que era necessário para a manutenção da família e das famílias dos escravos. Em frente da casa grande estendia-se o terreiro para secar café, ao lado esquerdo havia um grande paiol e aos fundos o pomar e a horta que forneciam frutas e hortaliças. Pouco mais adiante, os plantios de feijão, mandioca e arroz e a moenda de cana para produção de açúcar, melado e rapadura. Os escravos possuíam uma reserva própria onde plantavam milho, arroz, mandioca, feijão e criavam aves e porcos para o seu consumo, o que era um grande avanço para a época e por isso mesmo, Dona Antônia Lydia era muito respeitada por eles.

Mulher de ideais nobres destacou-se pela luta abolicionista tendo libertado seus escravos muito antes da promulgação da lei Áurea e estes passaram a residir em suas fazendas como empregados livres. Foi também pioneira em buscar na imigração de europeus os braços necessários para substituir na lavoura o trabalho escravo. Juntamente com Prudente José de Moraes Barros e Manuel de Moraes Barros, conforme documentação existente na Câmara Municipal de Piracicaba, contratou as primeiras famílias de imigrantes espanhóis para trabalhar em suas fazendas de café. Como o número de braços ainda era insuficiente, foi necessária a contratação de imigrantes italianos, recurso esse depois adotado pelos demais fazendeiros.

Em 1850 D. Pedro II uma lei sobre posse, manutenção, uso e comercialização de propriedades privadas, que ficou conhecida como Lei

das Terras. Com isso regulamentou-se a propriedade privada, principalmente na área agrícola, o que fez inviabilizar a prática da posse e adoção da terra apenas “na palavra” ou “com um fio de barba”. Com a demarcação das propriedades rurais e seu registro obrigatório, aumentou em muito a arrecadação de impostos e assim o governo central pôde financiar a imigração estrangeira para substituir a mão de obra escrava nas lavouras de café. Com isso o tráfego de escravos diminuiu e os movimentos abolicionistas aumentaram.

No ano de 1888, após a Abolição, parte dos escravos permaneceu em sua fazenda no bairro do Campestre, agora na condição de empregados assalariados. Foram derrubadas as senzalas e ergueram-se casas para os antigos escravos e os imigrantes e com isso, dava-se o início a uma nova atividade que viria a se constituir, por algum tempo, a característica do bairro: as olarias. Conforme relato existente nos Anais da Câmara Municipal de Piracicaba, eram casas de “2 lances medindo 60 palmos de frente por 120 de fundo, de tijolos caiados e cobertas com telhas”. Para melhor se entender com os italianos, Dona. Antônia Lydia contratou um senhor de nome Fortunato para exercer as funções de interprete e feitor.

Como aconteceu com a maioria dos fazendeiros paulistas, foi vítima da crise econômica do começo do século XX e, pouco a pouco, suas terras foram sendo retalhadas e vendidas para pagar dívidas. Já com a idade bem avançada teria sido convidada para desbravar terras no norte do Paraná, como já havia feito na região central paulista, o que, entretanto, não pode aceitar. Participante da vida política e da causa pública de Piracicaba, honrou o sangue dos bandeirantes que lhe corria nas veias, notabilizando-se pela coragem e determinação com que administrou suas fazendas, especialmente a do Campestre, que ficou sendo conhecida como “a fazenda da Dona Antônia”.

Em 1928, aos 84 anos faleceu em Piracicaba a matriarca Antônia Lydia de Almeida Barros, que repousa em lugar nobre do Cemitério da Saudade, deixando uma descendência de ilustres piracicabanos cujos nomes estão eternizados em ruas, avenidas e prédios públicos não só em

Piracicaba como na região. Sua fazenda, pouco a pouco foi sendo dividida e vendida aos seus antigos empregados, principalmente para os imigrantes italianos.

No bairro Campestre, Piracicaba, ainda restam sinais de sua presença marcante como a casa da sede da fazenda, as fundações da moenda de cana e algumas olarias. Em justa homenagem de sua cidade, teve seu nome perpetuado na estrada vicinal (PIR 258) que corta o bairro Campestre, agora denominada Estrada Dona Antônia Lydia de Almeida Barros (12).

## ANNA CÂNDIDA e EPAMINONDAS



*Nosso avô Epaminondas Ferraz do Amaral (1840)*



**Anna Cândida de Almeida Barros**, mulher de muitas posses e dona de várias fazendas, casou-se por conveniência familiar com o primo Epaminondas Ferraz do Amaral, nascido em 6 de maio de 1853, filho de sua tia Francisca Emília.

Os tempos estavam se tornando difíceis para os fazendeiros e era preciso preservar o patrimônio da família numa época em que a



*Nossa avó Anna Cândida de Almeida Barros (1940)*

precariedade dos registros de propriedades e os mapas que definiam seus limites não eram confiáveis. Além disso, Dona Antônia Lydia viu nesse expediente a oportunidade de ter uma pessoa de sua confiança para gerir seus negócios na dura tarefa que vinha se dedicando nos últimos 20 anos, desde a morte do marido.

Dona Antônia Lydia então contratou Epaminondas, seu sobrinho e genro para ajudá-la a administrar suas propriedades e seus negócios, porém, segundo relato de nossas tias, suas filhas, ele não teria bem desempenhado suas funções, pois teria sido um mau administrador e ainda, ser inveterado jogador. Nossas tias mais velhas nos contavam várias histórias de seus desmandos e nos advertiam que ele “perdeu escravos, fazendas e o dote de sua mulher na mesa de jogo” e por isso, “era proibido ter baralho em nossas casas”.

Por volta de 1903/4, após um sério desentendimento familiar ele se refugiou em suas terras no “sertão de Barra Bonita” onde passou a morar sozinho numa cabana rústica cuidando de suas lavouras. Contávamos que certa feita, quando desbravava o sertão conheceu um “bugre” (índigena) com duas crianças vestindo farrapos que lhe pediu encarecidamente que ficasse com suas duas filhas, pois não tinha condições de sustentá-las. Epaminondas trouxe-as para Piracicaba sendo



que a mais velha, Sebastiana, ficou com tia Yayá e a ajudou a criar seus 14 filhos. Maria, a mais jovem, que era surda e muda de nascença, mas muito esperta, ficou em sua casa com Ana Cândida, sua esposa, para ajudá-la nos afazeres domésticos.

“Maria Muda” era sempre alegre e gostava muito das crianças e todos nós sabíamos como nos comunicar com ela numa estranha linguagem de gestos e micagens, muito divertida. Vez por outra ela ia até os seus guardados e de lá trazia um presente para um de nós: eu ganhei dela um canivete Solingen, alemão, que guardo (e uso) até hoje. Após a morte de vovó Anna Cândida, Maria foi morar com tia Déia que continuou a cuidar dela até sua morte, já com bastante idade.

Em 1907, por ocasião do casamento de sua primeira filha, Clarice, Epaminondas enviou-lhe uma carta (essa carta ainda existe e é guardada com muito carinho pelos netos de Clarice) se desculpando por estar “impedido por elas de comparecer às bodas já que me condenavam por um crime que não cometi”. Mas, quem seriam “elas”? Sua tia e sogra Antônia Lydia? Sua mãe Francisca Emília ou sua esposa Anna Cândida?

Não sabemos, não conhecemos a verdadeira história. Nosso avô se isolou mais ainda de sua família e alguns anos depois foi encontrado morto em sua cabana, aparentemente a golpes de machado, tendo sido enterrado por estranhos nas “terras de São Pedro”. Uma versão conta que um seu vizinho queria tomar-lhe aquelas terras como paga de dívidas de jogo e como não chegassem a um acordo, este homem contratara um capanga para assassiná-lo. A família só tomou conhecimento de sua morte algum tempo depois e jamais conseguiu localizar sua sepultura.

## A família

**Anna Cândida de Almeida Barros** (1864-1941) e Epaminondas Ferraz do Amaral (1853- ?) casaram-se em Piracicaba e tiveram nove filhos. Os comentários sobre nossas tias, que aqui seguem, são de minha irmã Virgínia, que as conheceu mais de perto.

**Clarisse Ferraz do Amaral** (1882 - 1948), casou-se em 30/7/1907 com Júlio Scheibel (1881–1963) jornalista, escritor, foi redator do Jornal de Piracicaba e de revistas em São Paulo (8). Tiveram quatro filhos: Lavínia (Vivi), Gilberto, Sálvio e Hilda.

*Tia Lisse, primeira filha, casou-se com tio Júlio em Piracicaba onde moraram por algum tempo e depois se estabeleceram em São Paulo. Recordo-me de sua casa, um sobrado no bairro de Pinheiros onde ali se hospedavam todos da família quando iam à capital. Lembramo-nos dela já com os cabelos todos brancos e lindos olhos verdes, uma pessoa de bondade extrema que a todos recebia com muita alegria. Faleceu em 1948, às vésperas do casamento de sua filha Vivi.*

**Haydéa Ferraz do Amaral** (1888 - 1972), casou-se com Euclides Pompéia, alto funcionário da Caixa Econômica Federal, em São Paulo. Em 2010 Euclides recebeu uma homenagem póstuma da União Espírita de Piracicaba por ter sido um dos pioneiros da introdução da doutrina na cidade.

*Tia Déia gostava de dizer que havia nascido na fazenda de sua avó em 14 de maio de 1888, ao som dos cânticos e danças dos escravos que comemoravam a abolição da escravatura proclamada no dia anterior. Casou-se e foram morar em São Paulo onde nasceu sua única filha Inah. Nas férias de fim de ano, quando tio Euclides recebia a bonificação natalina, vinham passar as festas em Piracicaba trazendo presentes para todos familiares e amigos. Permaneceram em São Paulo até a aposentadoria dele quando então se mudaram para Piracicaba numa casa que construíram na rua Governador Pedro de Toledo, entre as ruas Voluntários de Piracicaba e Regente Feijó “pertinho do campo de XV” bastante ampla para abrigar não só o casal e sua filha como também sua mãe, vovó Ana Cândida e tia Jandira e tia Memé, suas irmãs solteiras.*

*O que dizer sobre tia Déia? Era a nossa tia, avó, madrinha, a conselheira de todos nós seus sobrinhos, o ponto de apoio, o refúgio nas horas difíceis. Sua casa tornou-se a referência da família principalmente depois do falecimento de vovó. Nós a amávamos e respeitávamos. Era a matriarca da família, que herdou o lugar de sua mãe. Como era gostoso ir a sua casa quase todos os dias para tomar o chá das 2 horas, em ponto. Junto a um bule de ágata amarelo vinha o café e outro menor com água quente para preparo do chá e para diluir o café das crianças. Pão, manteiga e um delicioso bolo de fubá acompanhavam aquele lanche, uma das cinco refeições diárias. Zelosa, acompanhava as sobrinhas no Carnaval e nos bailes de gala do Clube Coronel Barbosa. Certa vez alguém lhe disse que suas sobrinhas eram as moças mais bonitas de Piracicaba, e ela, prontamente respondeu: - Isso é um mal de raiz!*

*As férias de janeiro e fevereiro eram a oportunidade de reunião da família em torno da casa de tia Déia. Era quando tios e primos vinham de suas cidades, uns por poucos dias e outros para todo período. Era quando nosso grupo de crianças formado por Zuza, Lia, Guco e Sérgio filho de Inah, eu, meu irmão e mais 3 ou 4 filhos de moradores da redondeza, reuníamos diariamente no quintal da casa dela para brincadeiras da idade. O quintal de sua casa, onde brincávamos acompanhados dos primos e filhos de vizinhos, era enorme e guardava no fundo, um imponente abieiro que fora plantado por seu mano Tavo.*

*Depois, quando já éramos moços, íamos todos junto, aos bailes do Clube Coronel Barbosa animados pela orquestra Nosso Jazz do maestro Olênio Veiga, mas sempre sob o olhar agudo de tia Déia. Bons tempos!*



*No quintal da casa de tia Déia: Zuza, Nonda, Guco e Sergio; Ester, Maria Helena, Lia e Gininha.*

*Balançando em sua cadeira austríaca, que não parava seu vai-e-vem, fazia lindos trabalhos em crochê enquanto nós, seus sobrinhos, escutávamos encantados as narrativas sobre nossos antepassados e casos acontecidos numa Piracicaba que não chegamos a conhecer. Dizia que, quando menina ao passar pelo “largo da Matriz” notou um grande alvoroço na portaria do Hotel Central: curiosa, se aproximou e viu caído o pintor Almeida Junior que agonizava após ter sido atingido fatalmente.*

*Tempos felizes que passamos naquela casa de número 497 na rua Governador. Saudade imensa!*

**Octávio de Barros Ferraz**, nasceu a 1º de dezembro de 1890 e faleceu a 9 de abril de 1944). Sobre nosso pai falaremos mais adiante.

**Hermínia de Barros Ferraz** (1894 - 1943), casou-se com João Gomes da Silva funcionário da Caixa Econômica Federal, Tesoureiro da agência Brás, em São Paulo, transferindo-se depois para Piracicaba. Tiveram Ignez, Sylvio e Vera. Após o falecimento de Hermínia, João Gomes foi morar em Lisboa, Portugal, onde faleceu em 1953.

*Tia Minica. Com ela tivemos pouca convivência. Após seu casamento com Tio João mudou-se para São Paulo onde nasceram seus*



*três filhos: Ignez, Sylvio e Vera. Ainda muito moça contraiu reumatismo deformante, doença incurável e a família mudou-se para Piracicaba para ficar perto dos parentes e assim poder melhor criar os filhos. Mais uma vez Tia Déia e suas irmãs se desdoblaram nessa tarefa. Eu a conheci já, imóvel, numa cama, com uma energia tamanha procurando governar os filhos e empregados. Mas encarregou Tia Déia e o mano Tavo para que “olhassem os meninos”, já adolescentes e que guardavam muito respeito pelos tios. Após 17 anos enferma, faleceu em novembro de 1943.*

*Tia Déia e papai (1929)*

**Jandyra de Barros Ferraz** (1887 - 1976), solteira.

*Tia Jandira era uma pessoa humilde e muito bondosa. Dizia-se que, nascida de um parto de gêmeas, era a menor e mais fraca das duas, mas foi a que sobreviveu. Desde criança tinha grave problema de miopia e sempre usou óculos de lentes grossas, o que a impediu de estudar embora tivesse contado com a boa vontade de sua professora. As irmãs mais velhas diziam que a causa da miopia era o fato de ter havido muitos casamentos consanguíneos na família. Assim, nunca pode trabalhar. Morando em casa de Tia Déia e nos últimos anos em casa de sua sobrinha Inah, se ocupava de pequenas atividades domésticas e o resto do tempo em fazer orações para todos da família, vindo a falecer em 1976.*

**Maria Amélia de Barros Ferraz** (1899 - 1978), solteira.

*Tia Memé foi sempre muito ligada à família e orgulhosa de seus ancestrais, constantemente nos passava as lembranças e os feitos de nossos parentes. Eu costumava passar as tardes ao seu lado, onde ela em sua máquina de costura confeccionava belos vestidos para as meninas da elite piracicabana. Era uma artista em sua profissão. Enquanto pedalava contava com orgulho histórias dos seus avós, das fazendas e principalmente sobre a revolução Constitucionalista de 1932. Exaltava com orgulho os soldados paulistas e, principalmente, seu irmão, os tios e primos, que lutaram por São Paulo. Magoada, dizia que na ditadura Vargas foram queimadas todas as bandeiras dos Estados, pois apenas a Nacional era permitida, e que era proibido possuir qualquer símbolo ou objeto alusivo, mas que ela guardava, no fundo do guarda-roupas, numa caixa de madeira, as suas relíquias: um broche com a bandeira Paulista, um brasão e um anel onde se lia “Dei ouro para o bem de São Paulo”, alguns recortes e, dentre eles, a letra do hino Paulista, que fez questão de me ensinar e que ainda me lembro. Apesar de aparentemente frágil viveu quase 80 anos.*

**Cacilda de Barros Ferraz** (1902 - 1969) casou-se com Octacílio de Campos Tassara, funcionário da Sec. da Fazenda do Est. de São Paulo e tiveram três filhos: José Geraldo (Zuza), Lia e Antônio Augusto (Guco).

*Tia Cacilda, a caçula das tias, casou-se com tio Otacílio e moraram por alguns anos em Piracicaba e depois em Jundiáí, São Carlos e Campinas por força do trabalho dele. Tia Cacilda faleceu em Campinas e foi enterrada em Piracicaba junto com sua mãe Ana Cândida e suas irmãs Minica, Jandira e Memé.*

**Antônio e Jorge**, falecidos na infância

*Observação: As filhas mais velhas Clarisse e Haydéa foram registradas “Ferraz do Amaral” como o pai, mas Octavio e os demais irmãos receberam o sobrenome “Barros Ferraz”.*

\*



## OS SANSIGOLO



*Miguel e Virginia Sansigolo*

ENQUANTO ISSO NO OUTRO lado do Atlântico, a Europa que fora devastada pelas guerras napoleônicas sofria agora com as batalhas internas de unificação, tanto na península Ibérica como na península Itálica. Reinos, condados, cidades-estados, faziam suas alianças e disputavam o terreno umas contra outras.



Na península Itálica o processo de unificação já vitorioso no Sul prosseguia em direção norte rumo ao reino da Lombardia. Com o apoio da França os sardo-piemonteses sob o comando de Victorio Emanuele, em 1859, retomaram a região dos austríacos. Faltava agora o Vêneto, que só depois de sete anos de disputas, finalmente foi anexado à Itália em 1866.

O Vêneto é uma região belíssima, no nordeste da península, limitado ao norte pelas Dolomitas, cadeia montanhosa dos Alpes orientais de onde descem os rios que atravessam a fértil planície, para desaguar no mar Adriático. É a região de cidades famosas pelas artes, pelas ruínas milenares, pela história de lutas e conquistas e pelo seu povo alegre, com dialeto próprio e onde se destacam as cidades de Verona, Padova, Vicenza, Treviso e, mais ao sul, a majestosa e lendária Veneza.

No século VIII a.C., um povo indo-europeu chamado *vêneto*, atravessou os Alpes, expulsou os nativos que ali estavam há mais de 4000 anos e se fixou, dando seu nome ao território. Com o correr dos séculos desenvolveram cultura própria e sua língua, de origem não latina, mesclando com o italiano local gerou o dialeto típico da região. Por volta do ano 1000 Vicenza, que era um condado, tornou-se uma comunidade livre, porém por pouco tempo pois nas lutas que se seguiram, perdeu terras para Padova e para Verona. Em 1404 a cidade ficou sob domínio de Veneza, que começava a ampliar sua influência política em terra firme. Entretanto, no início do século XVI depois de muitas lutas, ela foi aos poucos reconquistando seu território e sua autonomia, o que resultou num período de estabilidade e bem-estar. Quando Veneza caiu sob as tropas de Napoleão Bonaparte em 1796, o Vêneto foi cedido à Áustria e a cidade de Vicenza passou a fazer parte do Império Austro-Húngaro.

Finalmente, em 18 de novembro de 1866, após a segunda Guerra da Independência, o Veneto foi anexado ao Reino da Itália e Vicenza, definitivamente, passou a ser uma cidade italiana. O Veneto foi a última região da Itália a ser unificada, depois de um penoso processo de lutas e negociações com a França e Áustria.

## DE VICENZA Á PIRACICABA

Devido às constantes guerras de libertação nos meados do século XIX, as fronteiras entre os territórios da Itália e da Áustria não eram bem definidas e como consequência, se alternavam de posição de tempos em tempos. Pois foi exatamente num período em que a região estava sob domínio austríaco, que em 11 de junho de 1850 ali nasceu Michele (8), austríaco, portanto, primogênito de Giuseppe Sansígolo. Anos depois na mesma Vicenza, agora pertencente à Itália, em 28 de maio de 1856 nasceu Virgínia, filha de Pedro e Elizabetha Lovisetto.

Corria o ano de 1873 quando eles se casaram. Resolveram se estabelecer ali mesmo em sua região, pois Michele que era marceneiro, também possuía uma *trattoria* na Comuna de Caldogno, 10 quilômetros ao norte de Vicenza. O local, uma parada obrigatória dos caçadores da região, era famoso pela habilidade de Michele no preparo de caças, especialmente pássaros, mas seu o prato principal era polenta com lebre. Sua propriedade era pequena, mas suficiente para prover a família e, como não podia deixar de ser, fabricava o seu próprio vinho.

Nessa época, apesar das riquezas naturais, a vida era muito difícil no norte da Itália sofrido por mais de 20 anos de guerras e mesmo nas principais cidades como Verona e Pádova, as dificuldades eram enormes. No campo a vida era ainda mais difícil sem dinheiro, sem hospitais, sem escolas, chegava a faltar comida no inverno e as crianças cresciam sem escolaridade. Foi então que aquelas pessoas sofridas começaram a ouvir falar maravilhas de uma terra distante, no outro lado do mundo, onde tudo era farto, tudo era belo, onde o Sol brilhava em todos os dias do ano, chamada América. Sem entender muito bem o que seria a "América", milhares de famílias decidiram imigrar para o novo mundo desembarcando em Santos, Rio de Janeiro, Buenos Aires e até em Nova York.

A oferta dos agenciadores brasileiros era para suprir a falta de mão de obra nas lavouras nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, em substituição à dos escravos e por isso, a maioria dos que se candidatavam

era de pessoas do campo, pobres, algumas até analfabetas. Mas também aqueles mais abonados, moradores das cidades, técnicos, artesãos, artistas e pessoas do comércio, viam no Brasil a oportunidade de terem uma vida melhor exercendo suas especialidades, inclusive na indústria, ainda insipiente.

Michele ouvia com atenção o que diziam seus patrícios *vicentini*, recebia as cartas dos amigos *veronesi*, *padovani*, *trevisani*, *trentini*, contando maravilhas da nova terra e pouco a pouco, foi se entusiasmando. Vários amigos seus de Vicenza já haviam embarcado para o Brasil em 1889 e até mesmo os seus parentes Francesco Sansigolo, viúvo, com a filha Maria, Giuseppe casado com Ângela e em 1890, Luciano Sansigolo casado com Margarita e seus 5 filhos, todos com destino a Alfredo Chaves (atual Veranópolis), no Rio Grande do Sul. Segundo informações ainda não confirmadas, o velho Giuseppe Sansigolo (pai de Michele) teria se casado três vezes, após duas viuvezes e Giuseppe Sansigolo (marido de Ângela) e Luciano Sansigolo seriam seus meios-irmãos. Atualmente, em Vicenza, existe uma rua onde se lê na placa “Stradella Sansigoli” (algo como “estradinha dos Sansigolo”).

Michele e Virginia estavam razoavelmente bem estabelecidos, seus filhos matriculados nas escolas e a família sempre aumentando: primeiro nasceu Giuseppe Egidio em 1874; depois vieram Ausônia, Giuseppe, Ida, Elizabetha, Lino e Emma, além de outros três que haviam falecidos ainda pequenos. Michele, entretanto, não tinha vocação para agricultura, era marceneiro, um artesão da madeira já com boa experiência e por isso estava mais interessado em se estabelecer numa cidade do estado de São Paulo.

Conversou com Virgínia e resolveram "fazer a América", como se dizia por lá e começar uma vida nova no novo mundo, no novo século que estava por chegar em breve. Vendeu a propriedade e tudo mais para comprar as passagens no “vapor” Sudamérica, reservando uma parte do dinheiro para se estabelecer em Piracicaba, que não sabia ao certo onde era, mas da qual tinha recebido boas referências nas cartas que lhe mandavam os seus patrícios que aqui já estavam estabelecidos.

No final do ano de 1892 embarcariam todos no porto de Gênova com destino a Santos, São Paulo, entretanto a tão esperada partida ficou marcada por um triste imprevisto, pois José Egydio, o filho mais velho então com 18 anos, não pode seguir, já que deveria primeiro cumprir o serviço militar no Exército Italiano. A viagem foi cansativa, pois durou vários dias, mas finalmente, no dia 23 de novembro, o “vapor Sudamérica” aportou em Santos.

Dali seguiram para Piracicaba onde foram muito bem acolhidos não só por seus compatriotas, mas também, pelos membros das demais comunidades europeias já ali estabelecidas. O historiador Guilherme Vitti (4) relata que no ano de 1900 a cidade contava com 19.014 habitantes, sendo 8.054 estrangeiros com maioria absoluta de italianos, mas também com portugueses, espanhóis, alemães, suíços, árabes, judeus, belgas e franceses. Entretanto, conforme comentam alguns historiadores (13), os paulistas das tradicionais famílias recém enriquecidas, fizeram surgir uma nova e importante classe social, a dos “barões do café”, que não se interessava por uma integração social com os imigrantes recém-chegados.

Ao chegarem em Piracicaba instalaram-se na rua do Comércio (hoje, rua Governador Pedro de Toledo), no lado direito, perto da esquina com a rua 13 de Maio, onde ficou famosa a "oficina de marcenaria do Sansígolo". Ali a pequena italiana Emma, deu os seus primeiros passos e posteriormente nasceram mais três filhos, Lavínia, Pedro e Yole, a caçula, em 1901.

Conforme o combinado com o seu patrício Nardin, exímio marceneiro muito conceituado em Piracicaba, foi-lhe dado o emprego de entalhador e montador das peças de madeira de altares da igreja dos frades capuchinhos (Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Piracicaba), que estava sendo construída e onde trabalhavam vários artistas e artesãos *vênets*. Quem já teve a oportunidade de conhecer as igrejas daquela região do norte da Itália, facilmente reconhecerá na decoração da “Igreja dos Frades”, que foi inaugurada em 10 de novembro de 1895, a arte *vêneta*: esses artesãos reproduziram aqui em madeira de lei o que faziam por lá em mármore e bronze.

Giuseppe (José) Egydio chegou um ano depois e passou a trabalhar com o pai e seus irmãos, ajudando a produzir as magníficas obras em madeira que ainda hoje podem ser vistas, apesar do desgaste do tempo.

## A OFICINA DO SANSÍGOLO

Os "Móveis Sansígolo" iam muito bem. Miguel Sansígolo - o seu nome tinha sido brasileiroado (8), juntamente com seus filhos trabalhavam duro. Seus móveis eram tidos como dos melhores da região. Além de artista da madeira e da boa cozinha, era muito habilidoso, prestativo, de espírito alegre e brincalhão e em pouco tempo conquistou a simpatia dos importantes da cidade, conseguindo com isso bastante trabalho para sua marcenaria.



*Nonno Miguel Sansigolo em sua Oficina*

Era amigo e pessoa de confiança do Dr. Prudente de Moraes, o mais importante político da época. Gostavam de caçar perdizes e codornas nos campos que rodeavam a cidade para depois saborearem com os amigos as carnes preparadas por Miguel. Em 1894 Dr. Prudente foi eleito Presidente da República indo residir no Rio de Janeiro, então capital do País, onde permaneceu até o término de seu mandato em 1898.

Durante esse tempo Dr. Prudente confiou a Miguel as chaves de sua residência com a incumbência de cuidar de seus pertences. Quando de sua morte em 3 de dezembro de 1902, Miguel foi encarregado de armar a câmara ardente,

revestindo toda sala da frente da residência do falecido (atualmente abrigo do Museu Prudente de Moraes), para as solenidades oficiais que se seguiram.

## A AVENTURA ITALIANA

Passado pouco mais de uma década de muito trabalho, mas também de prosperidade, a família já adaptada, com mais três filhos e alguns netos brasileiros, havia se passado desde a chegada ao Brasil, a saudade da pátria de além-mar foi ficando cada vez maior. Miguel e Virgínia resolveram que voltariam para a Itália. Mas nem todos poderiam ir, já que José Egydio, Ida e Elisa (Elizabetha) já estavam casados e haviam constituído famílias. Em compensação, levariam para a Itália quatro crianças brasileiras, seus filhos Lavínia, Pedro e Yole e o neto Victório, filho de Ausônia.

Venderam o que possuíam e compraram as passagens de “vapor” para regressar à querida Vicenza, se fixando novamente em Caldogno, um pouco mais ao norte do lugar de onde saíram. Lavínia e Pedro foram matriculados na *Scuola Elementare Pubblica de Caldogno* e os pequenos Yole e Victório ficavam em casa. Lavínia foi muito boa aluna e, tal como suas colegas italianas, planejava cursar a escola complementar que no futuro poderia lhe confiar o diploma de Professora.



*Diploma de Lavinia*

O inverno daquele ano e do ano seguinte foram muito fortes e todos sofreram muito com o frio, a neve da planície e o degelo dos Alpes. Apesar disso, as crianças gostavam do lugar, de brincar na neve, de tomar neve com vinho e açúcar como se fosse sorvete. Logo fizeram amizade com as outras crianças do lugar que caçoavam de sua estranha língua e as chamavam de *americane*.

Minha mãe se lembrava muito pouco dessa época, mas gostava de contar de um grande susto por que passaram quando ela e suas irmãs brincavam num campo coberto de flores e de repente, ouviram um barulho muito forte como se fosse uma trovoadas, mas que ia aumentando. As outras crianças gritavam para que saíssem dali, mas elas não entendiam o que as outras diziam. Desesperadas, as meninas italianas foram até lá e as puxaram pelos braços. Um instante depois, o local foi inundado por uma forte corrente de água do degelo dos Alpes e que tudo arrastava.

Contava também que, logo que chegaram à Itália, Lino viu um menino que vendia figos, fruta que ele adorava, mas que era muito cara aqui no Brasil. Deu uma moedinha ao vendedor e este lhe deu tantos figos que ele precisou pedir para parar pois seus bolsos e mãos estavam cheios de figos.

Porém, a ilusão italiana durou pouco, já que as coisas não eram como antes, as dificuldades ainda eram grandes e os dez anos passados no Brasil haviam deixado marcas profundas. As oportunidades de trabalho não eram boas, as crianças não se acostumavam com o frio rigoroso e viviam doentes. E a lembrança dos filhos que ficaram no Brasil, os netos, os amigos que deixaram e o amor que sentiam por Piracicaba, tudo isso pesava muito.

Apenas três anos de Itália foram suficientes para perceber que tinham criados raízes profundas em Piracicaba, aquela terra longínqua que aprenderam a amar e que ali estava o futuro, dele e de seus descendentes. Voltaram todos. Novamente cruzaram o Atlântico, agora no “vapor” Amazonas, chegando em Santos no dia 3 de janeiro de 1906. E desta vez para sempre.



Se estabeleceram, por coincidência, na mesma casa da rua do Comercio, de onde haviam saído três anos antes, dando continuidade à oficina de marcenaria.

## NOSSAS LEMBRANÇAS



*Nonna Virgínia Sansigolo*



A minha irmã é quem fala sobre a *nonna* Virgínia que, por ter herdado o seu nome, a tratava com um carinho especial: *mia bambina*.

*Minhas lembranças são muito vagas, mas ainda a vejo sentada em sua cadeira, na sala, com uma saia escura que ia até os pés, cabelo puxado para traz formando um "birote" e nas orelhas um par de brincos que eu admirava. Chamava os netos de "mio bambini" pois falava muito mal a nossa língua, embora compreendesse muito bem. Gostava muito do Brasil e estava sempre rodeada de netos e bisnetos, mas não escondia a saudade de sua terra, de seus parentes. Era a única filha entre muitos irmãos e por isso, muito mimada. Ela contava que quando pequena, ia todos os anos, com seu pai, montada num burrinho, até a Igreja de Nossa Senhora de Monte Bérico, no alto do morro no lado sul de Vicenza, pois tinha muita fé na santa padroeira da cidade.*

*Embora um pouco mais longe, cerca de 40 quilômetros, também ia, sempre que possível, a Pádova para rezar na basílica de Santo Antônio, por quem dedicava uma devoção tão grande que conseguiu passar aos filhos e netos. Sendo muito religiosa, insistia com o marido Miguel para que fosse à missa aos domingos. Este, brincalhão como sempre foi, argumentava que não era preciso, pois ia à missa do dia 1º de novembro e assim contentava todos os santos.*

*Mamãe gostava de contar histórias de sua nonna Betha. Segundo ela, Elizabetha era uma mulher pequena e muito saudável que morava numa propriedade rural na província de Vicenza. Apesar de seus 94 anos, cozinhava, cuidava da casa, das plantas e costurava, sem nunca ter usado óculos nem para enfiar a agulha, pois sua vista era perfeita e jamais havia tomado um remédio. Religiosa, ia e voltava a pé todos os dias para assistir missa numa igreja, distante quatro quilômetros de sua casa. No caminho, aproveitava para colher "funghi", com o cuidado de selecionar apenas os comestíveis. Para isso, levava uma colher de prata a qual encostava no cogumelo para ver se escurecia: se a prata escurecesse é porque era venenoso. Durante a guerra, sua*

*propriedade fora tomada pelas forças de ocupação por ser num ponto alto, estrategicamente situado próximo à fronteira. Acometida de uma tristeza profunda, veio a falecer em poucos dias.*

*Depois de alguns anos de trabalho os nonnos conseguiram comprar um terreno, equivalente a um quarteirão quadrado. Pouco tempo depois, achando que haviam feito um mau negócio, pois ele se situava numa “terras muito longe do centro, depois do ribeirão Itapeva” e venderam barato; esse terreno, hoje, ficaria entre as ruas Morais Barros, XV de Novembro, José Pinto de Almeida e a avenida Armando Salles de Oliveira!*

*A nonna Virgínia tinha um irmão Anacleto que imigrou para o Rio Grande do Sul, indo morar em Santa Maria da Boca do Monte (Santa Maria). Certa vez ele veio à Piracicaba para visitar a irmã e os parentes, viajando de trem até São Paulo, onde Tio Pedro foi espera-lo. Ao chegar na estação da Luz em trajes típicos de gaúcho – botas, bombacha e ponche- pediu para que tio Pedro que o levasse até as lojas ali perto, pois queria chegar em Piracicaba com terno e gravata como os paulistas. Durante alguns anos, Tia Lavínia se correspondeu com os primos gaúchos, através dele, pois tendo cursado a escola na Itália ela lia e escrevia muito bem o italiano.*

O *nonno* Miguel morreu em 9 de outubro de 1921 e tio Beppe em 1925. Os abalos pelas perdas do marido e do filho fizeram com que sua saúde fosse ficando cada vez mais delicada e, apesar dos cuidados que seus filhos lhe dedicavam, *nonna* Virgínia veio a falecer em 26 de dezembro de 1936, aos 81 anos.

Com a morte do *nonno* Miguel e de Beppe a "oficina" (era assim que era chamada em família) passou a ser tocada pelos meus tios Lino e Pedro com a ajuda de alguns netos, que eram encaminhados na profissão conforme iam crescendo. Tio Egydio havia se estabelecido por conta própria abrindo uma fábrica de macarrão e tempos depois se mudou para São Paulo com a sua família onde viveu até falecer.

Os anos se passaram e os "Móveis Sansígolo" se tornaram um símbolo em Piracicaba e isso eu cheguei a testemunhar. Porém, preciso aqui abrir um parêntesis nessa narrativa para lembrar que dos 36 netos eu sou o 35º; que a diferença de idade entre mim e Ada, minha prima mais velha é de mais de 34 anos; que minha mãe era mais nova que os seus três primeiros sobrinhos; e que dos 34 sobrinhos e sobrinhas só duas dela, as filhas de tio Pedro a tratavam de "tia" e os demais, pelo nome. Portanto, muito pouco dessa fase mais bonita da família me foi dado a conhecer, mas, felizmente a documentação é farta. Minhas lembranças são as de uma criança que admirava aquela gente boa e ouvia com muita atenção o que sua mãe e seus tios lhe contavam.

Cheguei a conhecer a oficina em sua fase áurea, estabelecida na rua Prudente de Moraes, entre as ruas Governador e Benjamin Constant, ocupando vários barracões. Na frente, o salão de expedição e o escritório



com tio Pedro (sempre agitado, sempre cuidadoso) gerenciando tudo. Uma escada de cinco degraus levava ao barracão principal e o primeiro *banco* (bancada de trabalho) perto da porta de entrada, era o do primo Victório. A seguir, vinham os *bancos* dos primos Orlando, João e depois o de Nato, perto da porta lateral. Do lado direito, também dois ou três *bancos* de

empregados e o de tio Lino bem no meio de tudo, para que nada lhe escapasse. As máquinas ficavam nos fundos do barracão principal. Do lado esquerdo, um outro barracão com vários *bancos* de empregados, mas o primeiro era o do primo Lineto, perto do fogão onde ficavam os *coleiros*.

Para os meus 8 ou 9 anos, aquilo era uma maravilha e eu esperava um dia poder fazer parte daquela verdadeira "orquestra": a engenhosidade das máquinas tocadas por um único motor, através de um emaranhado de

eixos, polias e correias; o perfume da madeira serrada, fosse o cedro, a imbuia ou o jacarandá, que se distinguiu logo na porta da rua (isso sem falar na deliciosa canela sassafrás ou então do malcheiroso *canelão*); o sincronismo das peças de madeira passando de um lado para o outro, tomando forma, ganhando cores, até o *gran finale*: mais uma obra de arte concluída. Sim, podia ser uma mesa, um guarda-roupas ou até uma simples cadeira, era sim mais uma obra de arte dos Sansígoles. A oficina prosperou até que tio Lino e tio Pedro se aposentaram e o primo Miguel Lino Sansigolo (8) deu continuidade, por vários anos. Hoje resta apenas a memória.

Da *nonna* Virgínia nós, os Sansígoles, herdamos a religiosidade, a bondade e o amor à família e do *nonno* Miguel, não só os belos exemplos de trabalho, dedicação e honradez, outras duas características marcantes: a arte de tratar a madeira e o amor pela cozinha.

## A FAMÍLIA SANSÍGOLO

**Virgínia** e **Michele** se casaram em Vicenza em 1873 e tiveram 16 filhos: 13 nascidos em Caldogno, Vicenza, Itália e os últimos 3, em Piracicaba, Brasil. Seus filhos geraram 36 netos. Dos nascidos na Itália, 3 faleceram recém-nascidos e foram batizados com os nomes de Pedro, Lavínia e Lino, nomes esses que foram depois repetidos.

**José Egydio**, nasceu em 17 de setembro de 1874 em Vicenza e faleceu em São Paulo em 5 de fevereiro de 1957. Casou-se em 1899 com Celestina da Rocha Campos, que tiveram: Ada Virgínia, Cyro, Miguel, Layre Carolina, Hélia, Diva, Gino, José Egydio, Pedro e Adhemar.

**Tio Egydio** teria trabalhado na marcenaria até se casar quando se estabeleceu por conta própria. Segundo um relato de jornal da época, havia montado uma "*moderna fábrica de macarrão com maquinário importado da Itália movido à um possante motor a vapor*", tendo depois anexado ao empreendimento uma torrefação e moagem de café. Porém, algum tempo depois, mudou-se para São Paulo onde viveu até seus últimos dias e por isso tivemos

pouco contato com sua família. Lembro-me muito pouco dele e talvez o tenha visto três ou quatro vezes somente. Certa vez, quando tinha eu uns 12 ou 13 anos, senti uma vontade imensa de conhecê-lo e resolvi sozinho ir vê-lo na rua Martim Francisco, em São Paulo, onde morava, pois eu estava em casa dos primos Inah e Laerte, seus vizinhos. Sua presença, no alto da pequena escada da porta da frente ao me receber, me impressionou muitíssimo. Aquela figura alta num impecável terno escuro, colete e gravata, cabelos brancos, olhos claros e sorriso doce, me deu um forte abraço (forte mesmo!) com aquelas mãos enormes, calejadas e marcadas pelo trabalho árduo. Fiquei muito emocionado e com nó na garganta, disfarcei para não chorar.

**Ausônia**, nasceu em 9 de abril de 1876 e faleceu em Piracicaba em 23 de fevereiro de 1948.

**Tia Ausônia** casou-se com Armando Di Santo Peroni e tiveram um filho, Victório, falecido em 3 de janeiro de 1971. Tia Ausônia ficou em minha memória apenas como uma velhinha muito triste, sempre de preto, saía comprida cobrindo os chinelos, caminhando com dificuldade, que falava muito pouco, mas sempre me tratando com muito carinho.

**Giuseppe**, nasceu em 4 de agosto de 1877 e faleceu em Piracicaba em 1925, solteiro.

**Tio Beppe**, não conheci. Mamãe dizia que era ótimo desenhista e pintor pois cursara a escola de Belas Artes de Vicenza e que colocava todo seu talento de artista na madeira que trabalhava. Morreu muito moço e só deixou boas lembranças, pois era adorado pelos irmãos, principalmente pelos menores. Ficou conhecido na cidade pelos vários projetos de túmulos de pessoas importantes que estão perpetuados não só no cemitério da Saudade em Piracicaba como também em outros. Primeiro fazia um desenho obedecendo o desejo da família do homenageado e depois construía uma maquete de madeira em escala. Uma vez aprovada

a obra pelos familiares, encomendava as peças e esculturas, em mármore e bronze na Itália. Depois, quando estas chegavam pelo porto de Santos, supervisionava o transporte e a montagem. Dentre os que se pode encontrar no cemitério local, está o túmulo do Dr. Alfredo Cardoso (8), importante médico piracicabano.

**Ida**, nasceu em 4 de agosto de 1879 e faleceu em Piracicaba em 2 de junho de 1967. Casou-se com Antônio Pasqualetto e tiveram: Zaíra Virgínia, Fortunato, Lino e Helena.

**Tia Ida** foi casada com tio Antônio, de quem me lembro pouco, moraram na rua 13 de maio entre a Governador e a Benjamim, juntamente com os filhos Lino e Fortunato com sua família. Durante algum tempo ali também morou tia Ausônia, até falecer. Muito simples, "boa alma" como se dizia, Tia Ida estava sempre pronta para ajudar a todos. Lembro-me bem dela auxiliando o marido sapateiro costurando o couro na sua velha máquina Pfaff de "bobina horizontal", uma raridade.

**Elizabetha**, nasceu em 18 de janeiro de 1882 e faleceu em 21 de fevereiro de 1967. Casou-se com Anselmo Ferrari e tiveram: Sida, Lélío, Fúlvia, Virgínia, Aída, Maria Elisa (Nenê), Orlando, João, Oswaldo, Hélia e Léa.

**Tia Eliza** tinha uma família bem grande e sua casa estava sempre cheia de gente. Casada com tio Anselmo, natural de Mântova, Itália, moravam na rua Governador, entre a Moraes Barros e XV de Novembro, onde eles tiveram o Empório Brasil e a Torrefação e Moagem de Café Brasil. A entrada da casa era pegado a Sociedade Sírio-Libanesa por um portãozinho do lado esquerdo do Empório, num corredor comprido, muito bem guardado pelo Rex, um cachorrão policial de pelos dourados, muito querido das crianças. Quando eu ia visitá-los, sempre Tia Eliza me dava um doce ou uma fatia de queijo suíço, que íamos buscar no empório, escondidos de tio Anselmo. Seus filhos, meus primos, comandados pelo primogênito Lélío (8), transformaram o pequeno empório numa importante e pioneira rede de supermercados.

**Lino**, nasceu em 7 de março de 1887 e faleceu em 12 de março de 1978. Casou-se com Antônia Cera, irmã do Dr. Antônio Cera Sobrinho (8), médico e político da cidade e tiveram: Miguel Lino (8), Lino e José.

**Tio Lino**, conheci bem. Desde que viemos morar na cidade em 1944 até a morte dele em 1978, eu tinha por hábito visitar tio Lino e Tia Tonica sistematicamente. Me dava um abraço "quebracostelas" e esfregava sua grossa barba por fazer em meu pescoço de criança. Conforme eu ia crescendo mais eu sentia o prazer de conversar com ele sobre todos os assuntos, pois estava sempre atualizado. Lia diariamente a Folha de São Paulo e escutava seu rádio todas as tardes, enquanto fazia o cigarro de palha num ritual metódico e preciso. O rádio sempre foi o seu grande companheiro. Adorava escutar nas ondas curtas as estações estrangeiras, principalmente as da Itália, naturalmente. Lembro-me que tinha um rádio Mulard, inglês de "7 válvulas" e depois, não sei como, arranhou um outro de campanha, americana, desses então usados em operações militares, muito mais seletivo e de maior alcance. As nossas conversas sempre acabavam em antenas e fios-terra, que algumas vezes ajudei a instalar! Se divertia em me contar uma história sobre a construção de determinado altar na Igreja dos Frades onde, ainda criança, ajudara seu pai. Dizia, com seu jeito sempre alegre, que sua participação tinha sido fundamental, pois sendo pequeno e o único canhoto da turma, somente ele conseguiu colocar certos parafusos próximos da parede pelo lado esquerdo do altar. Quando eu completei 18 anos tive uma grande surpresa: Tio Lino me chamou em sua casa e me entregou uma caixa contendo o revólver *Colt Police Positive cano longo* que pertencera ao meu pai que, por sinal, nunca precisou utiliza-lo, e que ele havia guardado para mim sem que eu soubesse, dizendo: *toma, agora você já pode cuidar dele!*

**Emma**, nasceu em 22 de setembro de 1891 e faleceu em 29 de abril de 1973. Casou-se com Luiz Sacconi e tiveram: Neydes, Luiz e Aristides.

**Tia Emma** veio para o Brasil com poucos meses de idade e foi aqui que deu os seus primeiros passos. Era uma figura das mais queridas e sua casa ficou sendo o ponto de encontro da família, depois do falecimento da *nonna* Virgínia. Pessoa boníssima, compreensiva, de inteligência viva, era para onde todos nós recorriamos quando precisávamos de um conforto, de uma palavra amiga, de uma orientação. Adorava avencas a ponto de “conversar” com elas e sua coleção, no quintal do casarão na esquina da rua Governador com a 13 de Maio, era de causar admiração pelo viço e pelas dezenas de variedades. Além dos afazeres da casa, de fazer o pão de cada dia e uma *cufa* deliciosa, ajudava o marido em seu trabalho na “Foto Sacconi”. Tio Luiz, natural de Treviso, era uma pessoa sempre alegre e de ótimo coração. Seus filhos eram como nossos irmãos mais velhos.

**Lavínia**, nasceu em Piracicaba em 10 de fevereiro de 1895 e faleceu em 18 de dezembro de 1976. Casou-se, bem tarde, com Alidor Pecorari, filho de Alfonso Sonofonte Pecorari (8) e não tiveram filhos.

**Tia Lavínia** ficou muito tempo solteira e morou com tia Emma depois que a *nonna* faleceu. Por isso, era a nossa verdadeira “titia”, aquela que protegia e fazia todas as vontades dos pequenos. Gostava de contar histórias da família e era quem fazia a ligação com os parentes mais afastados como os da Itália e os do Rio Grande do Sul. Quando casou com tio Lelé foi morar na rua do Porto onde ele tinha um armazém e uma olaria. Para mim era uma festa ir visitá-los: pegava o bote na beira do rio Piracicaba e saía remando procurando fisgar alguns mandis. Na volta, ganhava dela um delicioso pedaço de pão com fartas fatias de mortadela e um copo de Cotubaina! Em frente o dito armazém, durante os períodos secos do rio Piracicaba a floravam das águas uma região de pedras basálticas, o terror dos navegantes desavisados, que popularmente



era chamada de “baixio do Lelé”. Quando tio Lelé faleceu veio morar com mamãe. Atualmente corre paralela à rua do Porto, a avenida Alidor Pecorari que em grande parte passa pelas terras onde se situavam as várias olarias de onde se extraíam o “barro” para fabricação de telhas e tijolos.



*As irmãs Emma, Lavínia e Yole (1920)*

**Pedro**, nasceu em Piracicaba em 19 de dezembro de 1897 e faleceu em 12 de março de 1980. Casou-se com Erothyldes Franco, filha de João Franco de Oliveira (8) empresário, jornalista e tiveram: Lygia e Cecilia.



*Tio Pedro (1922)*

**Tio Pedro** era pessoa muito conhecida e estimada em Piracicaba, não só pelos "Móveis Sansígolo" como também por sua atuação nos diversos setores da sociedade e, principalmente, pelos seus dotes culinários. Muito exigente, sempre em busca da perfeição, sua dedicação se dividia entre a oficina, caçadas e pescarias e a cozinha.



*Rancho do Canal Torto*

Não havia banquete em Piracicaba, quando da visita de uma autoridade, por exemplo, que não fosse preparada por ele. Como gostavam de caçar e pescar, ele e tio Lino tiveram um “rancho” no rio Piracicaba na Ilha das Flechas e depois, outro no Canal Torto, perto de Ártemis, que na época se chamava Porto João Alfredo. Nos anos 40, 50, pelo menos uma vez por ano, preparava o cami-nhãozinho International com bancos de tabua na carroceria e cobertura de lona, e íamos todos passar o dia na beira do rio. Já nos anos de 1960 tive a oportunidade de desfrutar com meus amigos, desse “paraíso” que ainda permanecia intocável às margens do rio Piracicaba, onde chegávamos pelo trem da Sorocabana.

Quando me casei, ele nos disse na hora dos cumprimentos: *O meu presente para vocês dois eu vou dar depois. Será um jantar em que vou preparar um pato na laranja.* Fiquei muito orgulhoso pois não poderia haver presente mais valioso do que um jantar especialmente preparado por tão renomado mestre-cuca. Mas o tempo passava e...nada do pato. Até que um dia, mais de um ano depois, estávamos na nossa casa nova, meu primeiro filho já havia nascido, ele nos procurou e mandou marcar a data, se desculpando: *demorei um pouco pois só fui encontrar lá em Tatuí alguém que pudesse criar o pato do jeito que eu gosto.* (Jamais alguém comeu um pato igual!)

**Yole**, nasceu em Piracicaba a 7 de abril de 1901 e faleceu em 29 de janeiro de 1981.

Sobre nossa mãe falaremos adiante.

# OCTÁVIO DE BARROS FERRAZ



*Octavio de Barros Ferraz (1943)*

FALAR DE PAI E DE MÃE é muito difícil para qualquer um. Primeiro, tem-se que tomar bastante cuidado para separar o fato da fantasia e depois, ter que confiar na memória que já começa a se apresentar traiçoeira, e por fim, o mais difícil, controlar a emoção que as lembranças nos trazem.

Falar de meu pai ficou ainda mais difícil porque convivi muito pouco com ele, pois quando se foi, eu tinha apenas 8 anos e meio e, naquele tempo, “criança não participava de conversas de adultos”. Porém, conforme amadurecia fui modelando sua imagem baseado em depoimentos de seus amigos, de meus familiares e depois, colecionando referências e documentos.

Sua vida teria sido muito ativa, como arrimo de família, ainda criança buscando trabalhos rústicos em sítios e fazendas, depois, jovem idealista política e socialmente engajado e boêmio das rodas musicais e literárias. E, finalmente, um pai de família dedicado e amoroso.

Por isso, dos relatos que recolhi de quem conheceu e conviveu com ele e das imagens que guardei em minha memória infantil, fica muito difícil separar a realidade da fantasia. Porém, como por diversas vezes fui convocado para traçar seus dados biográficos em homenagens *post-mortem* a ele prestadas por entidades e pela Prefeitura de Piracicaba (8, 10), tomo aqui a liberdade de apresentar um resumo daquilo que, após as devidas confirmações, posso mostrar publicamente.

**Octavio de Barros Ferraz** nasceu em Piracicaba, filho de Epaminondas Ferraz do Amaral e Anna Cândida de Almeida Barros. Teve a infância marcada pela crise que assolou a elite paulista no final do século XIX com a quebra do café, agravada com a decadência econômica de sua família, também devido à má administração dos bens por seus precedentes. Sua ilustre família, dona de diversas fazendas em Piracicaba, Anhembi, São Manuel e Barra Bonita, em pouco tempo viu esvaír-se seu patrimônio e ele, ainda menor de idade e como único homem da casa, foi trabalhar na fazenda de sua avó Antônia Lydia para ajudar no sustento da mãe e suas seis irmãs.



*Octávio (1912)*

Tendo cursado somente o ensino elementar, formou-se na universidade da vida onde seus professores foram os caboclos da roça, os escravos recém libertos, as sábias índias velhas e a natureza, que tanto adorava e compreendia. Nos livros de família que se salvaram e em outros presenteados por amigos, alguns dos quais ainda guardo com carinho, conseguia o ensinamento teórico necessário. A prática foi obtida no laboratório da vida, nas matas, no rio Piracicaba e seus ribeirões. Seus mestres foram os animais, os pássaros, o vento, o Sol, a Lua e as estrelas, que sempre gostava de cantar ao violão.

A juventude passou no campo, a maior parte como administrador de fazendas como a Milhã e a Vai-e-Vem de seus primos Ferraz de Arruda Pinto e em Santa Gertrudes, Rio Claro e outros municípios vizinhos. A rudeza do lombo do cavalo, o contato permanente com a natureza e a educação e cultura herdadas da família, moldaram aquela personalidade, transformando-o num batalhador enérgico, líder natural amado e

respeitado e, sobretudo, com singular espírito de justiça, fraternidade e cidadania. Simples, amável, cordial, porém sério e enérgico quando necessário, era venerado por suas irmãs que o tratavam por Tavo e conhecido nas rodas da cidade como Otavião.

Alto, magro, porte elegante, vestia-se muito bem com ternos escuros, completos feitos sob medida na alfaiataria do Júlio Scaranari, camisas brancas com abotoaduras e botão de colarinho em ouro (que conservo guardados), sapatos sociais (meia-bota) de pelica preta confeccionados sob medida pelo Pescarim, que ficava na rua Prudente pouco antes da loja dos Breglia artesões latoeiros, e quase em frente à praça 7 de Setembro, aos fundos do Teatro Santo Estevão. Como complemento, gravatas borboleta, cujo nó fazia com rapidez e perfeição, chapéu de feltro cinza escuro e bengala. Essa bengala, que eu tinha guardado e dei para meu sobrinho, foi confeccionada especialmente para ele por tio Pedro, então seu futuro cunhado, a partir de um galho de Cabreúva, madeira avermelhada, pesada e dura, de alta resistência, tendo na empunhadura uma bola de snooker, de marfim branco. Para o trabalho usava ternos claros de brim e botinas de couro. Periodicamente se barbeava no salão do Cazalle, que ficava na rua Prudente, pouco além da praça, e era lá que ele me levava para cortar o cabelo.



*Octávio e o violão (1930)*

Enquanto solteirão, pois só se casou aos 39, participou plenamente da vida da cidade, da política à religião, de obras beneméritas às noites boêmias, dos bailes de gala às rodas de cururu e cateretê; foi amigo de ricos e de pobres e podia um dia almoçar num palacete de deputado e jantar num casebre de colono. Cidadão exemplar e participativo, ele amava seu povo e sua cidade. Contaram-me que numa mesa do bar Giocondo, na praça da Matriz da cidade, dedilhou no violão pela primeira vez, as notas do que seria a canção Piracicaba, cantarolada pelo seu autor Newton de Mello, amigo e companheiro de serestas (8).

Morava no número 33 da rua do Comércio (hoje, rua Governador 497) com sua mãe Ana Candida e suas irmãs e para ir ao “centro”, Largo da Matriz, passava obrigatoriamente pela casa dos Sansigolo, que residiam na mesma rua a uma quadra e meia. Inevitavelmente, um dia o solteirão foi fígado pelo doce olhar da jovem Yole, filha caçula dos Sansigolo. O namoro sério o obrigou a buscar melhores oportunidades em municípios vizinhos e até em São Paulo a fim de conseguir algo estável para poderem se casar, já que os móveis haviam sido encomendados na oficina de marcenaria dos futuros cunhados. Quando no trabalho distante sentia-se saudosos, escrevia cartas apaixonadas à sua amada e arriscava rabiscar versos como este, datado de 11 de agosto de 1930:

*Onde estás que não respondes?  
Eu onde estou te venero.  
Tu, entre as flores, se escondes.  
Eu, entre espinhos te espero.*



O casamento se deu a 23 de abril de 1930, tendo assim se reportado o “Jornal de Piracicaba” em sua primeira página:

*Efectuou-se hontem nesta cidade ás 12 horas o casamento civil na residência da noiva, e as 12 ½ horas na igreja de Santo Antônio o enlace da gentil senhorita Yole Sansígolo com o acatado moço senhor Octavio de Barros Ferraz, elementos de destaque na sociedade piracicabana.*

A primeira filha nasceu no ano seguinte, numa época em que se iniciava um período de muita agitação no País em protesto à ditadura de Getúlio Vargas e Octavio, político ativo e combativo, integrante do Partido Republicano Paulista (PRP), foi dos primeiros a sair às ruas. Amigo da lei e da ordem se alistou como voluntário no famoso Batalhão Piracicabano para participar do movimento constitucionalista de 1932. Sem titubear, embarcou para o front no vale do Parahiba deixando em casa a jovem esposa e a pequena Virgínia de apenas 1 ano de idade e foi defender a honra paulista no campo de batalha. Lá ficou por alguns meses até adoecer devido as más condições de um inverno chuvoso na serra da Bocaina e pela falta de alimentos e teve de ser removido para um hospital em Silveiras e depois em São Paulo para recuperação.

Por ter sido um dos 82 combatentes piracicabanos da revolução constitucionalista de 1932, recebeu em 7 de setembro de 1966 como homenagem póstuma a Medalha da Constituição outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e a homenagem de participação outorgada pela cidade de Piracicaba na forma de Medalha e Diploma, sua esposa Yole, em solenidade no dia 9 de julho de 1974. Quando nossa mãe faleceu fizemos doação de seus pertences usados na revolução, o capacete, o cantil, a baioneta e o seu registro de soldado constitucionalista, ao Museu Prudente de Moraes, em Piracicaba, exceto o “salvo-conduto” para tratamento médico e seu ponche de flanela que eu uso até hoje nas noites de frio.

## NOVOS TEMPOS

Terminada a revolução, os tempos agora seriam ainda mais difíceis. Primeiro por que a economia do País estava em frangalhos e, pior ainda, Octávio não era aceito nos empregos que pleiteava por ter tido participação ativa na revolução e ser membro do PRP. Um clima de ódio e vingança se estabelecera no Estado de São Paulo graças a propaganda racista do ditador. Contava-se na família que um dia Octávio fora convidado a ir até certa fazenda onde uma oferta de emprego o esperava, porém, na véspera da viagem ao município vizinho, foi alertado por um amigo de que se tratava de uma emboscada para matá-lo.

Depois de longa espera sem um trabalho fixo conseguiu se empregar na Casa da Laranja, um estabelecimento da Secretaria de Agricultura do governo do Estado de São Paulo que cuidava da exportação dessa fruta, por pouco tempo, pois foi transferido para a posição de fiscal de produção de algodão e ainda outros cargos naquela Secretaria. Postos modestos, porém, de ganho suficiente para sustentar a família que aumentara em 1935 com o nascimento do filho, a quem ele deu o nome de seu pai, Epaminondas.

Em 1938 Octavio foi chamado pelo seu primo Ricardo Ferraz de Arruda Pinto (8), recém-eleito Prefeito da cidade de Piracicaba, para ocupar o cargo de Administrador do Matadouro Municipal, um dos postos chaves do governo da cidade e o mais problemático. O Matadouro Modelo (13), assim chamado, era o orgulho da cidade e fora construído alguns anos antes pelo engenheiro Otavio Teixeira Mendes, também seu parente não muito distante, conforme planos de afamados projetistas europeus e equipado com o mais moderno instrumental importado da Europa.

Apesar da alta funcionalidade com processamento em série e de ser tecnicamente avançado em higiene e segurança, esse próprio municipal não estava sendo bem aproveitado em virtude de desmandos administrativos. Exatamente por isso, a população piracicabana estava descontente com a má qualidade da carne oferecida, pois produtos não saudáveis de carne bovina e suína eram apontados como causadores de doenças graves que ocorriam na cidade.

Não pôde recusar o pedido do primo Prefeito, mesmo sabendo o grande risco de vida que sofreriam, ele e a família, por interferir num processo viciado e corrupto dominado pelos boiadeiros e comerciantes rudes e violentos. Com a coragem e determinação que nunca lhe faltaram e um enorme Colt na cintura cedido pelo chefe de polícia local, se lançou à tarefa de recuperação do prestígio do Matadouro Modelo. Seu conhecimento prático com animais, adquirido quando administrador de fazendas, foi complementado pela orientação segura de seus parentes médicos, seu tio Dr. Coriolano Ferraz do Amaral (8), que fora Prefeito em 1926 e 1927 e do primo Dr. José Rodrigues de Almeida (8), também ex-Prefeito, em 1929 e 1930. Garantir à população um produto sadio era bem difícil naquela época de rebanhos bovinos infestados de aftosa e suínos com “pipoca” (cisticercose) e vários outros problemas sanitários. Mas em sua administração jamais deixou passar uma carne suspeita, mesmo sobre as maiores pressões de comerciantes desonestos e políticos prepotentes ou por outro qualquer tipo de imposição. O bom desempenho de seu trabalho lhe valeu elogios da população que agora podia se orgulhar de ter um Matadouro realmente “modelo” e isso garantiu sua permanência no cargo pelos prefeitos que se seguiram José Vizioli (8) e Jorge Pacheco Chaves (8).

## NOSSA NOVA MORADA

Deixando o conforto da cidade, a família foi ocupar a casa principal daquele próprio municipal situado na (então) zona rural, onde não havia iluminação elétrica, nem água tratada, nem vizinhos. A “nossa” casa (que ainda existe, foi restaurada e é atualmente sede da ENDAHP) era bastante ampla, enorme para nós quatro. Minha mãe dizia que dava muito trabalho *cuidar de uma casa tão grande, com 11 cômodos de assoalho para lavar e 18 janelas para abrir e fechar.*



*A família reunida (1940)*

Essa área municipal era delimitada na frente pela “estrada de São Pedro” (atual avenida Cristóvão Colombo, 1900, Piracicaba), onde se ergue majestoso o prédio principal do Matadouro Modelo (hoje totalmente restaurado); em seu lado direito e nos fundos do prédio principal, pelo ribeirão Guamium; no lado esquerdo do terreno havia uma cerca de arame farpado que o separava da roça de milho de um vizinho. Dominando a paisagem, o imponente prédio do Matadouro tinha em seu lado direito duas palmeiras imperiais separando-o do barracão que abrigavam os tanques de lavagem das matanças cujos detritos eram despejados diretamente no ribeirão Guamium; na parte de traz desse prédio ficavam a chaminé e a fornalha para aquecimento da água da enorme tina de esquentar porcos; no lado esquerdo do prédio se estendia um espaçoso largo apedregulhado separando-o da casa do Administrador e de duas casas de

operários; nos fundos situavam-se as invernadas onde os animais aguardavam o dia do abate.

Mudamos para lá em setembro de 1938. Minha irmã Virginia foi matriculada no Grupo Escolar do Guamium no distrito de Corumbatahy (hoje Santa Terezinha), distante dois quilômetros e meio de nossa casa. Lá ela cursou até 1940 quando foi transferida para o Colégio N. S. da Assunção das freiras de São José, na rua Gomes Carneiro esquina com a rua Boa Morte, para cursar o ginásio. Entretanto, devido a “grande distância” e a precariedade de transporte até o “centro” da cidade, ela precisou ser matriculada como interna no Colégio e somente nas férias passava conosco.

Acumulando as funções de administrador, contador e zelador, Octavio montou no cômodo da frente da “nossa” casa seu escritório onde anotava, com caligrafia magnífica, o movimento diário nos enormes livros que repousavam sobre uma escrivaninha alta, de madeira preta (alguns exemplares desses livros podem ser encontrados nos arquivos municipais de Piracicaba). Na frente, a banquetta, ao lado um armário de madeira e, na parede do fundo, o telefone de magneto da linha 11, um dos únicos na cidade de então.

Mandou fechar a portaria principal Matadouro que ficava no lado direito do prédio e onde existia uma guarita na beira da estrada e fez com que todo movimento, quer de entrada das boiadas ou saída dos caminhões da carne e ainda de funcionários e visitantes fosse feita por uma porteira na cerca, ao lado esquerdo do prédio. Assim, Octavio podia controlar todo movimento do dia e até mesmo nas horas de folga, quando estivesse sentado em sua cadeira de balanço na pequena sacada da casa principal. Nada poderia escapar de sua vista.



*Octávio orientando a reforma da ponte sobre o ribeirão Guamium (1942) da então “Estrada de São Pedro”, atual avenida Cristovão Colombo*

Atrás da nossa casa, com ajuda de um serviçal e sob a orientação de minha mãe, organizaram uma horta e mais adiante, pouco além do poço que nos servia de água potável, um pomar onde sobressaiam duas laranjeiras, mamoeiros, goiabeiras, a jabuticabeira e um pé de figos, entre outras. Na frente da casa, no espaço que a separava da estrada, minha mãe cultivava um belo jardim onde sobressaiam as roseiras.

Conheci muito bem esse Matadouro e adjacências pois como garoto curioso, andava por todos os cantos. Em 2004 quando fui convidado a visitar o prédio restaurado lembrei-me de um fato curioso: possuindo três alas para processamento de carne, somente duas delas eram usadas, a de bovinos e a de suínos, pois a terceira nunca o foi, pois era para carne de ovinos. O projeto era um modelo europeu! Então aquela ala sempre foi usada para expedição e seus trilhos aéreos nunca foram trafegados.

Mesmo numa época difícil da 2<sup>a</sup>. Grande Guerra Mundial (1939-44) com racionamento de alimentos e combustíveis meu pai nunca deixou a família passar por dificuldades, pois sabia tirar da terra praticamente tudo que necessitava e ainda sobrava para distribuir para os amigos e parentes. Conhecedor dos segredos das ervas e raízes passados pelos caboclos e pretos velhos, nas matas que margeavam o rio Piracicaba extraía os medicamentos básicos para a família, para os animais e pequenos acidentes de trabalho de seu pessoal.

Nos sábados à tarde, quando se encerravam os trabalhos íamos caminhando cerca de quatro quilômetros pela estrada de terra até o ponto final do bonde da Southern Brazil Electric Company junto a estação da Estrada de Ferro Sorocabana, em Vila Rezende. Dali seguíamos para o centro da cidade e depois, caminhávamos até a casa de tia Emma e Tio Luiz, na rua Governador esquina com a Treze de Maio. Aproveitávamos o sábado para visitar os parentes, fazer pequenas compras e o domingo para assistir missa na igreja de São Benedito (a nova Catedral estava em construção) e para visitar minha irmã no Colégio Assunção. À noite voltávamos, sob a luz da lua e de uma lanterna a querosene pela estrada de terra e era quando ele me descrevia o céu estrelado e, apontando constelação das “3 Marias”, indicava o caminho de casa. Em 1943 ele conseguiu da Prefeitura uma charrete e um cavalo, o Baio, e então o passeio semanal ficou mais fácil.

No início de 1943 eu fui matriculado no primeiro ano do mesmo Grupo Escolar do Guamium, que no meio do ano passou a ser denominado “João Batista Nogueira” em Corumbatahy (hoje, Santa Terezinha). Como minha professora era Dona Olga Soares Diehl, irmã de Júlio e de Jacob (8), amigos de meu pai, ela me dava carona no “fordinho 29” das professoras que passava exatamente em frente ao Matadouro. Cursei apenas o primeiro ano lá pois, já em abril do ano seguinte seria transferido para o Grupo Escolar Moraes Barros, na cidade.





*Alunos do Grupo Escolar do Guamium (1943),  
atual Prof. João Baptista Nogueira.*

Trabalhador incansável, sempre estava disposto a ajudar quem quer que fosse ou a fazer um trabalho extra, mesmo fora de suas funções, quando um superior lhe pedia. Era comum o Prefeito encarregá-lo de domar os burros xucros que, em parelhas, puxavam as grandes carroças que faziam o serviço de coleta de lixo da cidade. Octávio era exímio cavaleiro e domador de burros e cavalos.

Como na Semana Santa e não haveria matança, então a Prefeitura lhe mandou mais oito burros para serem domados. Em poucos dias ele executou o trabalho domando as 4 parelhas, terminando a tarefa no sábado. Nós, eu, mamãe e minha irmã, estávamos na cidade em casa de tia Emma para as celebrações religiosas. No domingo, muito cedo, no Matadouro, ele recolheu ovos e hortaliças e foi ordenhar a vaca. Quando tirava leite sentiu uma forte dor na cabeça, mas ainda teve forças para



telefonar pedindo um *carro-de-praça* (taxi), a gasogênio, pois durante a guerra não havia gasolina.

Levado para a casa de tia Emma veio a falecer antes da chegada do médico. Tinha 53 anos. Era 9 de abril de 1944, o Domingo de Páscoa.

Desde a década de 1950 Octavio de Barros Ferraz empresta seu nome a uma rua no Jardim Nova Suíça, por indicação da Câmara dos Vereadores de Piracicaba (decreto 572-1969). Em maio de 2003 a Prefeitura batizou com seu nome a Usina de Reciclagem da Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba – Emdhap, sediada na casa principal do Matadouro, onde nós residimos por 6 anos.



## YOLE SANSIGOLO FERRAZ



*As irmãs Emma, Lavínia e Yole, sempre juntas (1960)*

Yole, a caçula dos Sansígolo, queridinha do *nonno*, da *nonna*, de seus nove irmãos e estimada pelos sobrinhos que não a tratavam de “tia” e sim, pelo seu nome. Bem, Yole é minha mãe e o que eu posso dizer mais do que isso? Ela foi amor, força, vontade, altruísmo, discernimento, serviço, justiça, perdão e, sobretudo, fé e coragem. Poderia aqui ficar

horas discorrendo sobre o que eu vi, senti, aprendi e que tento seguir, mas o que mais me impressionou foi sempre a sua fé inabalável e uma coragem imensa.

Jamais vi minha mãe desanimar e muito menos, desistir de algo que acreditasse, por mais difícil que fosse o obstáculo, por mais que lhe aconselhassem soluções mais cômodas. Ela confiava na sua enorme força interna, e isso ela passava para os outros pois mesmo sendo a caçula da família era ela o arrimo dos irmãos e de um número considerável de amigos.

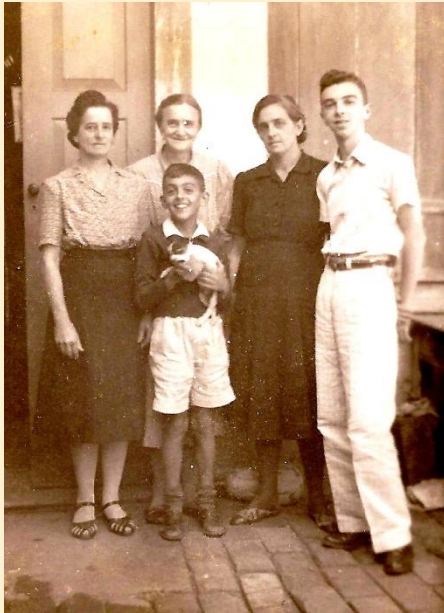
Em 1944 quando meu pai faleceu a Prefeitura concedeu apenas oito dias para que desocupássemos a casa do Administrador em que morávamos. Tio Pedro se prontificou para ir lá no Matadouro buscar a nossa mudança com o caminhão da Oficina e a ajuda de dois de seus empregados. Como ela não quis ir, eu fui junto para abrir as portas e orientá-los no que fosse possível. Trazidos para a cidade, os nossos móveis e pertences ficaram guardados, por cerca de três anos, no quarto da frente da casa de tia Ida e nós e parte na casa de tia Emma.

De abril de 1944 a começo de 1947 moramos na rua Governador esquina com a Treze de Maio, num dos quartos da frente da casa de Tia Emma e Tio Luiz, a Foto Sacconi.

Nossa situação era muito difícil, pois, de um dia para outro ela se viu sem o marido, com dois filhos menores, sem ter onde morar e sem um tostão de reserva. Para piorar, não tivemos direito a qualquer tipo de benefício pois papai não pagava aposentadoria, já que naqueles tempos isso não era obrigatório. Foi então que ela revelou a sua fortaleza interior: determinada ela traçou para si própria as metas a serem alcançadas, a médio e longo prazos, para ela e para os dois filhos: um emprego fixo, casa própria e dar um diploma para cada filho sendo, para *Gininha o de professora e para Nondinha o da “Escola Agrícola”*. Só muito tempo depois eu entendi que quando uma etapa, que fora por ela mesmo

estabelecida era concluída, ela abaixava a cabeça e com um leve sorriso, orgulhosa que era, parecia dizer: *cumpri mais uma!* E cumpriu todas!

Começou a procurar uma ocupação capaz de trazer-lhe algum rendimento e enquanto isso trabalhava em sua máquina Singer bordando



Dfff

enxovais, onde podia contar com sua habilidade e seu dom artístico herdados dos Sansíbolos. Passados pouco mais de dois anos, maçons amigos de meu pai, liderados por tio Pedro, conseguiram para ela uma colocação como Inspectora de Alunos na então Escola Normal e Colégio Estadual “Sud Mennucci” de Piracicaba. Desde então, durante o dia trabalhava no “Sud” e a noite bordava, pedalando, pedalando, já que a máquina não possuía motor elétrico. Assim, com ela trabalhando de dia e a noite, moramos com tia Emma, tio Luiz e os primos Neydes, Luizinho e Aristides.

O dinheiro do bordado era religiosamente depositado numa caderneta da Caixa Econômica Estadual e quando atingiu determinado valor pediu a tio Pedro que procurasse um imóvel adequado para comprar. Ele logo conseguiu uma casa pequena no Largo Santa Cruz, perto da casa dele. Mas o proprietário pedia 37 mil cruzeiros, se fosse “à vista” mas o que ela possuía não chegava a tanto. Faltava “um pouquinho”. Foi aí que surgiram os corações bondosos de tio Pedro e tio Lelé que lhe adiantaram aquele “pouquinho” para que fosse pagando mensalmente. Em 1947 nós mudamos para o Largo Santa Cruz, bem mais perto do “Sud Mennucci” que, além de ser o local de seu emprego era onde eu deveria cursar o

primeiro ano ginasial. Mas ela ainda teria que continuar com seus bordados para poder pagar as prestações da casa.

Quase que imediatamente ela se adaptou as suas funções no Sud, onde foi muito bem recebida já que a maioria dos professores e funcionários era originária de famílias suas conhecidas. Um ambiente de trabalho muito bom pois a instituição era, nos anos 1950 e 60, uma verdadeira academia pela qualidade de seus mestres, rigor do ensino e um lar pela cordialidade entre professores, funcionários e alunos. Quem lá se formava passava no vestibular das melhores faculdades do país sem fazer cursinho preparatório. Lá ela trabalhou até 1971 quando se aposentou compulsoriamente e, nesse dia, recebeu homenagens solenes por parte do corpo docente, dos funcionários e alunos.



*Homenagem recebida ao completar 70 anos*

Conforme determinara a si mesmo, deu um diploma para cada um de nós e ajudou-nos a que constituíssemos as nossas famílias. Lembro-me bem de um dia, em janeiro de 1954, quando fui à ESALQ saber o resultado do exame vestibular que havia prestado para o curso de Agronomia e, ao chegar em casa com o cabelo raspado, sem dizer nenhuma palavra, me deu um abraço com os olhos marejados. Nas fotografias de nossas

formaturas, de nossos casamentos e batizados dos netos está, quase sempre, de cabeça baixa parecendo dizer: “...*mais uma etapa vencida...*”

Viu seus filhos se casarem e conheceu seus sete netos e a primeira bisneta. Foi sempre a primeira a socorrer e a confortar quem quer que fosse e por isso, recebeu muitas manifestações de carinho e reconhecimento de familiares, amigos e vizinhos.



*A família reunida no batizado de seu primeiro neto (1954)*

Quando faleceu em 1981, encontrei em suas coisas, guardadas com o maior cuidado, um pacote de velhas cartas amarradas com uma fita azul. Eram cartas de meu pai, escritas quando ainda eram noivos e depois, durante a Revolução Constitucionalista de 1932.

Li a primeira a qual guardo até hoje. As outras, queimei, pois achei que não tinha o direito de lê-las. Como homenagem aos dois, aqui transcrevo algumas linhas:

*São Paulo, 3 de fevereiro de 1929*

*Yole,*

*Tardei dois dias para responder a tua carta, unicamente por querer dar-te a nova de ter cumprida a minha promessa, de acordo com o teu pedido: ir ouvir missa na Penha.*

*(...) para mim aqui os dias não podem ser mais estúpidos; quem me dera poder estar ahí, ao teu lado, ou pode-la ter aqui juntinho de mim! Lembranças aos teus e aos meus, e para ti, imensa saudade e um apertado abraço do teu, de todo coração,*

*Octavio*



Yole Sansígolo Ferraz e Octavio de Barros Ferraz casaram-se em Piracicaba a 23 de abril de 1930 e tiveram Virgínia (15/04/31) e Epaminondas (09/09/1935).

Virgínia casou-se em 21/06/1953 com Luiz Gonzaga Ferreira de Arruda (26/03/1922 – 02/04/1985), natural de Tiete, SP, filho de Bernardino Ferreira de Arruda e de Maria Luiza Guilherme e tiveram Otavio Augusto (08/12/1954), Luis Gonzaga (09/02/1959 – 03/08/2012) e Maria Luisa (05/10/1960).

Epaminondas casou-se em 26/12/65 com Yara Frosini (26/11/37), natural de São Paulo, SP, filha de Luis Frosini e de Maria Alves Frosini e tiveram Fernando (07/10/1965), Eliane (31/10/1968), Silvio (17/06/1971) e Ricardo (02/04/1977).





## AGRADECIMENTOS



*Os primos Epaminondas, Silvio e Virginia*

Para concretizar este trabalho muitas foram as pessoas que me auxiliaram, entretanto, quero especialmente agradecer:

À minha irmã Virgínia que deu início a preservação de nossa memória mais recente confeccionando dois bonitos álbuns de nossas famílias paterna e materna; guerreira, amorosa, socorrista... qualidades certamente herdadas de dona Antônia Lydia e de dona Yole;



Ao primo Silvio - Silvio Ferraz Gomes da Silva (1926 - 2011) entusiasta cultor de nossas tradições, que por ocasião de uma homenagem que lhe foi prestada na Loja Maçônica Piracicaba no dia em que completou 80 anos, assim se referiu à nossa família:

*Quando crianças, ouvimos de nossa mãe de nossos outros parentes, relatos dos feitos e das vidas de nossos avós, e é dessa forma que foi impresso em nosso sentido de respeito as suas imagens. Gente de boa cepa, que em mais de dez gerações que conhecemos em detalhes, realizaram obra de vulto, inclusive, alargando as fronteiras da pátria, infenso a honraria e a títulos e medalhas. E em seu tempo, todos se destacaram por sua independência e altivez. Aliás, foi assim que São Paulo aprendeu a ser grande, e o foi em tudo, despreocupado de preconceitos de raça, a todos recebendo de braços abertos.*

Ao primo Broterinho (Frederico de Barros Brotero) pelo valioso trabalho realizado em seus livros biográficos e genealógicos das famílias paulistas;

Ao primo Breno (Breno Ferraz do Amaral), historiador, jornalista, professor, tribuno, orador, redator e um dos promotores da Jornada de 23 de maio de 1932;

Ao primo Pedrito (Pedro Ferraz do Amaral Filho), irmão de Breno, que registrou com maestria o espírito dos nossos avoengos quando, em 1975 na Academia Paulista de Letras, proferiu vibrante oração da qual extraímos um trecho:

*Venho de longe. Trago nas botas salsugens atlânticas das caravelas em que aportaram a estas plagas, em 1532, os trinta e dois povoadores, embarcados com Martim Afonso para a perigosa viagem. Trago na alma a nostalgia, a saudade da lusitana grei, mas no peito me bate o coração alto e animoso. Palpita-me nas veias e, em quantos de vós não acontece o mesmo? O sangue generoso daqueles bravos que da Flandres se passaram para a*

*ilha da Madeira e depois para as terras do Brasil e aqui moeram as primeiras canas no primeiro engenho de São Vicente... e fizeram o primeiro açúcar com que minoraram as amarguras da solidão...*

*E se constituíram na primeira câmara municipal, célula mater da nação. Gente de boa massa, que se misturou com a destemida geração dos ramalhos, aqueles rudes mamelucos de Santo André da Borda do Campo, paulistas nascidos quando São Paulo nem sequer nascera ... paulistas que desafiavam reinóis e jesuítas, respondendo-lhes, sardônicos e atrevidos: a inquisição? Essa, nós a destruiremos a flechadas...*

*Os paulistas, temos a alma vincada por esse impulso atávico de partir, é a alma lusíada. É o destemor que devassou os largos oceanos, em velas enfunadas pela brisa, que navegavam sem carta por novos mares, novos climas, com ventos novos, com céus novos e com estrelas novas, mas nunca perderam o tino, nem a derrota, porque Deus era o que mandava a via. Levavam na bandeira as chagas de Cristo, nas antenas a cruz, na agulha a fé e nas ancoras a esperança, no lume a caridade, no farol a luz do evangelho e em tudo, a salvação, e foram eles que, há quatro séculos, vieram atracar suas ancora nos moitões de seguros portos de águas verdes espumantes de esmeralda...*

*Alma de andarilhos, os meus, os vossos avoengos não assentavam arraial, como soíam dizer outrora, a não ser quando a esperança lhes pronunciasse a proximidade do veeiro enriquecedor. O sentido das conquistas levava-os a bandeiras sem termo que desvendavam campos e matas, com ímpeto e bravura desmedida. Estivo os dias, em que a canícula esplendesse, ou soprasse rija a invernia, enregelando as dadivosas chãs, com só a certeza de caminhar para a lonjura, foram plantar nas areias do Pacífico o término do domínio portugalense. Raposo Tavares – símbolo dessa epopeia.*

*Afeito a distender o olhar pelo horizonte escampado, perscrutando os mistérios do mar, navegante transformou-se em sertanista. Alçando-se para o altiplano nas clareiras da mata dominava com a vista as distancias do sem fim. E foi preador de índios para se tornar senhor dos arcos e com eles arremeter o sertão, afrontando a febre e a fome, os perigos e os malogros, no encalço da ganga apetecida, que bateou nas corredeiras encachoeiradas ou no remanso das angras e baixios. Incansável andejar – quase dizia adejar – que ficou sendo a gesta imarcescível de nossos brasões. Brasões de uma nobreza diferente, não concedida pelo monarca, mas os que foram esculpidos no cerne de nossa terra, na carne de nossa grei. Eis agora a monção que, em Araritaguaba – Porto Feliz de meus ancestrais mais próximos – se atira pelo Anhembi abaixo, em rijos troncos de madeira que viraram canoas, furando a cerração. Novos argonautas, a derivar na correnteza, iam guarnecer as fronteiras da Pátria (já havia uma pátria) e era sempre a ânsia de partir...*

Aos nossos avoengos, parentes e amigos mais próximos, bem como àqueles muito mais distantes, os peninsulares íberos e itálicos e aos gentios, os verdadeiros donos desta terra;

À Yara, minha esposa e aos meus filhos e netos.

...e um agradecimento especial ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba pela atenção que me foi dada, culminando com a publicação destas memórias.

*Epaminondas S. B. Ferraz  
Piracicaba, abril de 2019*



## BIBLIOGRAFIA

1. Brotero, Frederico de Barros - *Descendentes de José Fernando de Almeida Barros*. Instituto Histórico de São Paulo, 1934.
2. Brotero, Frederico de Barros - *Descendentes do Tenente Fernando Paes de Barros*. Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 2<sup>a</sup>. Ed. 1956.
3. Novinsky, Anita - *Novos Elementos para a História de São Paulo*. Revista USP, São Paulo, n.65, p. 96-104, março/maio, 2005.
4. Vitti, Guilherme - *Manual de História de Piracicaba*. Equilíbrio, Ed. 2010.
5. Grellet, Joaquim de Almeida - *Os Descendentes do Capitão-Mor de Sorocaba José de Almeida Leme*. 1979
6. Souza Filho, João Batista de - *Apontamentos Históricos Genealógicos sobre a família Pacheco da Silva*, in: Frederico de Barros Brotero, *Descendentes de José Fernando de Almeida Barros*, São Paulo, 1934.
7. Leme, Luis Gonzaga da Silva - *Genealogia Paulistana*, Vol III - Pág. 442 a 478, Tit. Pedrosos Barros. Duprat & Comp ed., São Paulo. 1903.
8. Pfromm Netto, Samuel - *Dicionário de Piracicabanos*, São Paulo. I.H.G.P. 2013.
9. Ferraz, Epaminondas S. B. - *Sansígolo – De Vicenza a Piracicaba*. Ed. limit., 2001.

10. EMDAP - *Matadouro Municipal*, Prefeitura Municipal de Piracicaba, 2003.
11. Arruda, Virginia Ferraz Ferreira de, - *Ferraz – Um breve relato sobre a família*, 2001.
12. IPPLAP - Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba – *Mapa de Estradas Rurais de Piracicaba*, Departamento de Patrimônio Histórico, 2017.
13. Percin, Marly Therezinha Germano – *A Síntese Urbana (1822-1930)*, Piracicaba. I.H.G.P. 1989.

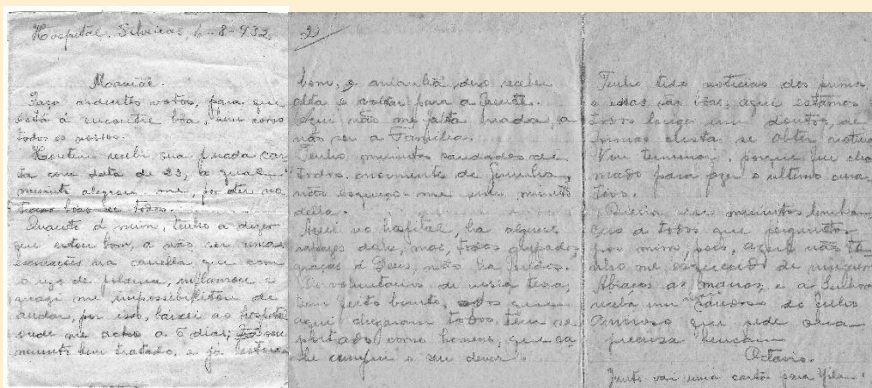


## OCTÁVIO



Ponche de flanela de algodão  
usado pelos combatentes

## Medalha de Combatente Voluntário



Carta à sua mãe escrita do Hospital em Silveiras, SP.



Casa do Administrador do Matadouro – morada da nossa família



Placa homenageando Octávio de Barros Ferraz



OS SANSIGOLO



Tia Ida e tio Antonio



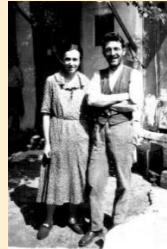
Tia Ida (anos 1960)



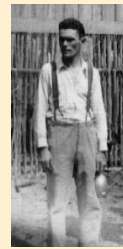
Tio Egidio



Tia Eliza



Tios Emma e Luiz



Victório



Tio Lino e Tia Tonica,  
em pé Lino, José e Miguel



Yole, Virginia, Fernando,  
Silvio e Eliane



## NO RANCHO...



Ilha das Flexas – Aniversário de tio Pedro, com Octávio, tio Lino, etc.



Canal Torto: o International mais Tio Pedro, Victório, Lineto e outros.



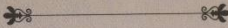
Domingo no Rancho do Canal Torto: Tio Pedro, tia Erotildes,  
Luizinho, Ligia, Lininho, Lino Filho e outro.



No rio Piracicaba a pesca era abundante...

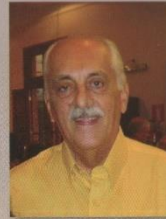
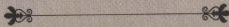


e a caça também...



DE REPENTE PERCEBEMOS que estávamos ficando sós: o tempo implacável havia levado quase todos os entes queridos. Dos nossos avós, tios, tias e muitos primos, restavam apenas a doce lembrança, fotografias, documentos e recortes amarelados. Só então demos conta de que a história da família, as belas histórias das nossas famílias estavam se perdendo.

Era preciso fazer alguma coisa, por mínima que fosse, pois, simplesmente guardar o acervo e a memória oral da nossa geração não seria suficiente e nem honesto, pois além de ser uma história familiar ela também é parte da história do nosso país. Se de um lado a família de meu pai teve participação ativa na consolidação do Brasil, desde a época do descobrimento, colonização, movimentos da independência e da proclamação da República, a família de minha mãe, assim como milhares de outras famílias de imigrantes europeus, teve participação fundamental no nosso progresso e na consolidação da pátria.



SOU PIRACICABANO. SIM, e tenho muito orgulho desta terra dos meus avós e dos meus filhos. Aqui nasci, cresci, me formei, trabalhei e fui feliz. Minha vida estudantil, dos 11 aos 22, foi bastante movimentada, fiz um pouco de tudo e até estudei: no Morais Barros, depois Sud Mennucci, Industrial, Senai e na Luiz de Queiroz onde me formei Engenheiro Agrônomo em 1958. No esporte corri atrás de bolas de todos os tamanhos, porém só consegui algum sucesso no atletismo quando fui campeão paulista de salto em altura defendendo o São Paulo F. C., e por Piracicaba e pela AAA Luiz de Queiroz.

Fui contratado como professor de Física na ESALQ, me especializei em energia nuclear e ambiente, conquistei os títulos de Doutor, Livre-Docente, Professor Adjunto e Professor Titular. Ajudei a consolidar o CENA onde trabalhei por 50 anos, tendo uma centena de trabalhos científicos publicados em periódicos no país e no exterior. Enquanto isso assessoriei a Comissão Nacional de Energia Nuclear, Diretoria do Ensino Superior (MEC), Agência Nacional de Saúde (MS), Polícia Federal (MJ), Prefeitura de Piracicaba por várias vezes, fui coordenador do Projeto PiraCena, fui Radioamador, recebi homenagens da Prefeitura e da USP, fiz parte de várias associações, colaborei com a imprensa escrita e falada.

# NOSSOS AVOENGOS

*Breve História das Famílias  
Sansigolo e Barros Ferraz*



PREPARE-SE PARA FAZER um mergulho emocionante na História, tanto de nossa amada Piracicaba, quanto de nosso Brasil.

Desbravando as memórias de suas famílias, o autor acaba por desvendar muitas das origens de imigração europeia que populou o interior do país, contribuindo para a consolidação de nossa pátria.

Mergulhe conosco nessas reminiscências e estará, talvez, mergulhando em sua própria história. Este é um livro para ler, para guardar e para recordar.



EDITORA  
NOVA CONSCIÊNCIA